



**GOVERNO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM LETRAS**



DENIS ALVES FARIAS

A LINGUAGEM DOS PROTESTOS:

**uma proposta pedagógica de sequência didática por meio da análise
discursiva dos cartazes das manifestações sociais brasileiras**

Sinop

2015

DENIS ALVES FARIAS

**A LINGUAGEM DOS PROTESTOS:
uma proposta pedagógica de sequência didática por meio da análise
discursiva dos cartazes das manifestações sociais brasileiras**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* universitário de Sinop, como requisito para obtenção do título de mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Orientador: Prof. Dr. Henrique Roriz Aarestrup Alves

Sinop

2015

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

F224l Farias, Denis Alves.

A linguagem dos protestos: uma proposta pedagógica de sequência didática por meio da análise discursiva dos cartazes das manifestações sociais brasileiras / Denis Alves Farias. – Sinop, 2015.

93 p.

Orientador: Dr. Henrique Roriz Aarestrup Alves.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Mato Grosso, *Campus* Universitário de Sinop, Faculdade de Educação e Linguística, Programa de Pós-graduação Profissional em Letras.

1. Práticas Sociais. 2. Manifestos Sociais. 3. Sequência Didática. 4. Análise do Discurso. 5. Mestrado Profissional em Letras. I. Alves, Henrique Roriz Aarestrup, Dr. II. Título. III. Título: uma proposta pedagógica de sequência didática por meio da análise discursiva dos cartazes das manifestações sociais brasileiras.

CDU 81'42:316.7(81)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar - CRB1 2037.

DENIS ALVES FARIAS

**A LINGUAGEM DOS PROTESTOS: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA DE
SEQUÊNCIA DIDÁTICA POR MEIO DA ANÁLISE DISCURSIVA DOS CARTAZES
DOS MANIFESTOS SOCIAIS BRASILEIROS**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* universitário de Sinop, como requisito para obtenção do título de mestre em Letras, julgado pela Banca composta dos membros:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Henrique Roriz Aarestrup Alves
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop
(Presidente)

TITULARES

Profa. Dra. Claudia Graziano Paes de Barros
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT/Cuiabá

Profa. Dra. Mônica Cidele da Cruz
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Tangará da Serra

SUPLENTES

Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS/Campo Grande

Profa. Dra. Tânia Pitombo de Oliveira
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop

Aprovada em: 11 de agosto de 2015.

Local da defesa: CEI – *Campus* Universitário de Sinop – Universidade do Estado de Mato Grosso

Dedico este trabalho a todos que acreditaram e contribuíram de alguma forma para sua realização, mas em especial, ao Prof. Dr. Henrique Roriz Aarestrup Alves, por proporcionar em minha experiência profissional o incentivo à pesquisa e instrução aos diversos saberes.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela saúde e perseverança para concluir este projeto.

Aos meus colegas mestrandos do curso de Mestrado Profissional em Letras – *Campus Sinop*.

A todos os professores do PROFLETRAS por contribuir de forma significativa em minhas práticas pedagógicas e sociais.

RESUMO

Com os Manifestos Sociais ocorridos no Brasil em junho de 2013, discussões tornaram-se frequentes no âmbito social, principalmente na esfera pedagógica, em que jovens se engajam cada vez mais em sua participação ativa e crítica na realidade brasileira por meio dos mais variados gêneros discursivos, principalmente o cartaz, tão comum nos protestos de junho de 2013. A partir dessas discussões, fora proposto pelos alunos e professor um projeto de intervenção que objetivasse a formação crítica e cidadã por meio da análise discursiva dos cartazes dos manifestos sociais no Brasil. Desta forma, a metodologia utilizada para a análise dos cartazes fundamentou-se por teorias dos manifestos sociais e análise do discurso. Assim, foram utilizadas estratégias de sequência didática, cujo objetivo é auxiliar o educando a dominar melhor um gênero por meio de um conjunto de atividades pedagógicas organizadas de maneira sistemática em torno de um gênero textual. Como resultado da intervenção pedagógica com os discentes, o estudo possibilitou melhorias na prática pedagógica do professor por meio de momentos de discussão e reflexão sobre o processo de intertextualidade e interdiscursividade e sua relação com os fatos contemporâneos e históricos, além de procedimentos de sequência e análise discursiva, que tornaram as aulas mais dinâmicas, criativas e interativas, tendo como protagonista o educando autônomo e agente transformador social. O resultado da pesquisa fora apresentado como trabalho de conclusão do Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, ofertado pela UNEMAT, *Campus SINOP*.

Palavras-Chave: Práticas Sociais. Manifestos Sociais. Sequência Didática. Análise do Discurso.

ABSTRACT

With Social Manifestos occurred in Brazil in June 2013, discussions have become frequent in the social sphere, especially in the educational sphere, in which young people engage increasingly in their active and critical participation in the Brazilian reality through various genres discursive mainly the poster, so common in the protests of June 2013. From these discussions, was proposed by the students and teacher an intervention project that objetivasse the critical training and civic education through discursive analysis of the social manifestos posters in Brazil. Thus, the methodology used for the analysis of the posters was based on theories of social manifestos and discourse analysis. So didactic following strategies were used, whose goal is to help our students to better master a genre through a set of educational activities organized systematically around a genre. As a result of educational intervention with the students, the study possible improvements in the teacher's pedagogic practice through discussion and moments of reflection on the process of intertextuality and interdiscursivity and its relation to contemporary and historical facts, as well as sequence of procedures and analysis discursive, which become the most dynamic, creative and interactive lessons, with the protagonist autonomous educating and social change agent. The research result was presented as a working conclusion of the Professional Master's Program in Literature - PROFLETRAS, offered by UNEMAT, *Campus SINOP*.

Keywords: Social Practices. Social Manifests. Didactic Sequence. Discourse Analysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
1.1 MANIFESTAÇÕES SOCIAIS E A ANÁLISE DO DISCURSO	12
1.1.1 As manifestações sociais.....	12
1.1.2 A análise do discurso	25
2 METODOLOGIA	34
2.1 ESTRATÉGIA E MÉTODO DE PESQUISA	34
2.2 COLETA DE DADOS	38
Sequência Didática (SD) uma proposta	40
Relatório do projeto de intervenção “A linguagem dos protestos: uma proposta pedagógica de sequência didática por meio da análise discursiva dos cartazes das manifestações sociais brasileiras”	45
Produção inicial.....	45
Módulos	48
Módulo 1 – estudo do gênero cartaz.....	48
Módulo 2 O cartaz e os Manifestos Sociais	51
Resultados apresentados pelos alunos	52
Módulo 3 Análise das características discursivas dos cartazes das manifestações sociais brasileiras de junho de 2013	56
Resultado das análises discursivas dos cartazes selecionados	59
Produto Final.....	65
3 ANÁLISE DOS CARTAZES PÓS INTERVENÇÃO	68

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	82
6 REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS	84
7 APÊNDICES	85

INTRODUÇÃO

Em junho de 2013, ocorreu no Brasil uma onda de manifestações populares que reuniu mais de um milhão de pessoas, com similaridade a três momentos históricos do país: em 1992, no *impeachment* do ex-presidente Collor de Melo; em 1984, no movimento Diretas já, no período do regime militar, na luta pelo retorno à democracia; e nos anos de 1960, nas greves e paralisações pré-golpe militar de 1964, e nas passeatas estudantis de 1968.

Os movimentos sociais são fontes de inovações e mudanças sociais, detêm um saber, decorrentes de suas práticas cotidianas, passíveis de serem apropriadas e transformadas em força produtiva. A presença dos movimentos sociais é uma constante na história política do país, mas é cheia de ciclos, com fluxos ascendentes e refluxos (alguns estratégicos, de resistência às novas forças sociopolíticas em ação), impulsionando mudanças sociais diversas (Gohn, 2013).

Dentro dos movimentos de protestos, surgem os manifestos sociais, que atuam em coletivos não hierárquicos, com gestão descentralizada, produzem mobilizações com outra estética; os participantes têm mais autonomia, não atuam sob a coordenação de uma liderança central. São movimentos com valores, princípios e formas de organização distintas de outros movimentos sociais, a exemplo de sindicatos, movimentos identitários e outros. Os protestos de junho de 2013 foram denominados pela mídia como “manifestações”; de fato, eles foram, na maioria das vezes, manifestações que expressaram estado de indignação face à conjuntura política nacional. As mobilizações adquiriram, nesses eventos, um caráter de movimento de massa, de protesto, de revolta coletiva, aglutinando a indignação de diferentes classes e camadas sociais, predominando a classe média propriamente dita, e diferentes faixas etárias, destacando-se, entre eles, os jovens (Gohn, 2013).

Um grande referencial que marcou essas mobilizações foi o uso de redes sociais. Sabe-se que elas foram desencadeadas em São Paulo por coletivos organizados, com o predomínio do Movimento Passe Livre (MPL), a partir de uma demanda pontual – contra o aumento da tarifa de transportes coletivos. A partir de 20 de junho, fizeram desses atos uma expressão de descontentamento profundo,

mas com motivos muito variados, tais como: a má qualidade dos serviços públicos, especialmente, transportes, saúde, educação e segurança pública. As ruas brasileiras foram invadidas por milhares de pessoas – em sua maioria jovens – expressando descontentamento perante a realidade brasileira; em vez das faixas com as reivindicações organizadas, muitos carregavam cartazes, registrando suas demandas individuais, raiva e criatividade.

Gohn (2013) pontua que os *slogans* dos cartazes, a maioria escritos à mão, rudimentares, são emblemáticos para ilustrar que com a adesão de multidões às manifestações, as demandas ampliaram-se mais ainda, e o alvo passou a ser “contra tudo”, além da denúncia sobre a violência da polícia: “Nossos sonhos valem mais que 0,20”, “Democracia já”, “Desculpem o transtorno, estamos mudando o Brasil”, “A juventude acordou”, “O povo não deve temer o governo, o governo deve temer o povo”, “O gigante acordou”, “Ou para a roubalheira, ou paramos o Brasil”, etc. O fato é que frases proferidas expressam um grande recado: não estamos satisfeitos, não queremos esse desvio e suas contradições.

Esse foi um momento de democracia, pois o povo saía às ruas para reivindicar suas demandas e, assim, expor suas angústias e indagações perante a realidade contemporânea brasileira. Os jovens sentiam-se aptos a lutar por seus direitos e se tornam porta-vozes de uma nova identidade, um agente/ator das transformações e mobilizações. Nesse ponto, as redes sociais serviram como forma de convocação, integração e viabilização de opiniões críticas sobre o despertar do sujeito autônomo e coletivo. O vídeo “*Protesto passe livre*”¹, retrata as reflexões e indagações de uma jovem que convoca a nação para participar dos manifestos através da *internet* e critica de forma severa a manipulação da mídia em direcionar os protestos de forma negativa, além do repúdio pelas forças políticas governamentais e principalmente a alienação da massa social.

Os protestos foram registrados em todas as regiões brasileiras e algumas cidades aderiram às manifestações, principalmente, por meio das redes sociais; o *Facebook* como porta de abertura para encontros e propagações de ideias. Em Juína, município do estado de Mato Grosso, com aproximadamente 40 mil

¹ Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=H4e9GS6d190>>. Acesso em: 15/05/2014.

habitantes, não foi diferente, e muitos jovens decidiram ir às ruas e reivindicar mudanças no cenário político e social brasileiro².

Do individual ao coletivo, do artesanal ao processo revolucionário de transformações sociais nas áreas científica, política, econômica e cognitiva, as mudanças ocorreram e o despertar crítico prolifera-se aos dias atuais por meio dos recursos midiáticos, preponderantemente pela *internet* que integrou a população através de mobilizações em todo o país perante a conscientização e realidade contemporânea, como os escândalos políticos que se acumularam nestas últimas décadas. Não só em uma parcela de nosso país, mas todo o território em sua viabilização federal, estadual e municipal fora sensibilizado pela “massa” a respeito da conjuntura social, despertando “gigantes”. Com os Manifestos Sociais ocorridos no Brasil em junho de 2013, discussões tornaram-se frequentes no âmbito social, predominantemente na esfera pedagógica, em que jovens refletem cada vez mais pelo interesse em participar ativa e criticamente na realidade brasileira.

A partir dessas discussões, fora proposto pelos alunos e professor um projeto de intervenção que objetivasse a formação crítica e cidadã por meio de proposta pedagógica de sequência didática da análise discursiva dos cartazes das manifestações sociais no Brasil. Assim, o capítulo 1, intitulado Fundamentação teórica, tratará dos conceitos de Movimentos sociais, de Análise do discurso, conforme perspectiva histórica e teórica. O capítulo 2, Metodologia, apresenta a linha metodológica, estratégia, procedimentos e análise de dados. Já os demais capítulos tratarão da Análise de dados pós intervenção, Considerações finais e Referências bibliográficas e webgráficas.

² Algumas imagens retratam o cenário municipal do dia 21 de junho de 2013, que se encontram disponíveis em: <http://www.topnews.com.br/noticias_ver.php?id=21832>. Acesso em: 15/05/2014.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 MANIFESTAÇÕES SOCIAIS E A ANÁLISE DO DISCURSO

1.1.1 As manifestações sociais

Nossa fundamentação teórica parte de três obras de Maria da Glória Gohn, embasada em vários teóricos que estudaram sobre os movimentos sociais em diferentes espaços de tempo. *Teorias dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos* (Loyola, 2012) *Novas Teorias dos Movimentos Sociais* (Loyola, 2012) e *Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações Civas no Brasil Contemporâneo* (Vozes, 2013).

A educação não se resume à esfera pedagógica, realizada na escola propriamente dita. Há aprendizagens e produção de saberes em outros espaços, aqui denominados de educação não formal. Portanto, trabalhamos com uma concepção ampla de educação. Um dos exemplos de outros espaços educativos é a participação social em movimentos e ações coletivas, o que gera aprendizagens e saberes. Há um caráter educativo nas práticas que se desenrolam no ato de participar, tanto para os membros da sociedade civil, como para a sociedade mais geral, e também para os órgãos públicos envolvidos – quando há negociações, diálogos ou confrontos.

Uma das premissas básicas a respeito dos manifestos e movimentos sociais é: são fontes de inovação e matrizes geradoras de saberes. Entretanto, não se trata de um processo isolado, mas de caráter político-social. Por isso, para analisar esses saberes, deve-se buscar as redes de articulações que as mobilizações estabelecem na prática cotidiana e indagar sobre a conjuntura política, econômica e sociocultural do país quando as articulações acontecem. Essas redes são essenciais para compreender os fatores que geram as aprendizagens e os valores da cultura política que vão sendo construídos no processo interativo.

Para compreender essa onda de movimentos e manifestações sociais, além de identificar as especificidades e diferenças do povo em ação, há uma questão significativa. Por que uma grande massa da população adere aos protestos? Ou

seja: O que são movimentos sociais? Que sentido e significados essas pessoas atribuíram aos acontecimentos para transformá-los em movimentos de massa com ampla legitimidade? Quais as fases e fontes de motivação desses movimentos? Que formas de expressão e ideologias os inspiram? Partindo dessas indagações, torna-se essencial um histórico sobre os movimentos e mobilizações sociais a fim de dar aporte teórico à análise discursiva dos cartazes das manifestações sociais brasileiras.

Para Gohn (2012), os manifestos sociais são parte de um movimento de protesto, e não um evento separado; assim, os estudos teóricos partem dos movimentos sociais que são ações sociopolíticas construídas por atores coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articuladas em certos cenários da conjuntura socioeconômica e política de um país, criando um campo político de força social na sociedade civil. As ações se estruturam a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em conflitos, litígios e disputas vivenciadas pelo grupo na sociedade. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva para o movimento, a partir dos interesses em comum. Esta identidade é amalgamada pela força do princípio da solidariedade e construída a partir de base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo, em espaços coletivos não institucionalizados.

Os movimentos geram uma série de inovações nas esferas pública (estatal e não estatal) e privada; participam direta ou indiretamente da luta política de um país, e contribuem para o desenvolvimento e a transformação da sociedade civil e política. Estas contribuições são observadas quando se realizam análises de períodos de média ou longa duração histórica, nos quais se observam os ciclos de protestos delineados. Os movimentos participam, portanto, da mudança social histórica de um país e o caráter das transformações geradas poderá ser tanto progressista como conservador ou reacionário, dependendo das forças sociopolíticas a que estão articulados, em suas densas redes, dos projetos políticos que constroem com suas ações. Eles têm como base de suporte entidades e organizações da sociedade civil e política, com agendas de atuação construídas ao redor de demandas socioeconômicas ou político-culturais que abrangem as problemáticas conflituosas da sociedade onde atuam.

Gohn (2012) destaca que os movimentos sociais sempre têm um caráter político, que criam e desenvolvem um campo de forças sociais na sociedade civil, contribuindo para seu desenvolvimento político. Eles politizam as demandas socioeconômicas, políticas e culturais, inserindo-as na esfera pública da luta política. Trata-se de coletivos que no processo de ação sociopolítica desenvolvem uma identidade, de forma que se apresentam como atores coletivos. Ainda que alguns atores individuais possam se destacar mais, eles atuam como representantes e veículos de expressão de movimentos e suas mensagens e ideologias são as dos movimentos. O líder não fala por si, mas o faz em nome do coletivo.

De acordo com Gohn (2012), podemos observar, em um movimento social, as seguintes fases:

1. Situação de carência ou ideias e conjunto de metas e valores a se atingir;
2. Formulação das demandas por um pequeno número de pessoas (lideranças e assessorias);
3. Aglutinação de pessoas (futuras bases do movimento) em torno de demandas;
4. Transformação das demandas em reivindicações;
5. Organização elementar do movimento;
6. Formulação de estratégias práticas coletivas de assembleias, reuniões, atos públicos etc.
7. Encaminhamento das reivindicações;
8. Práticas de difusão (jornais, conferências, representações teatrais etc.) e/ou execução de certos projetos (estabelecimento de uma comunidade religiosa, por exemplo);
9. Negociações com os opositores ou intermediários por meio dos interlocutores;
10. Consolidação e/ou institucionalização do movimento;

É importante observar que essa caracterização não envolve uma visão etapista nem evolutiva, porque não há uma organicidade entre as fases. Elas poderão se sobrepor quando o movimento é originário de outro movimento social.

Além das fases descritas, Gohn (2012) pontua que as formas de expressão dos movimentos sociais são essenciais para que tenhamos um aprofundamento sobre o processo identitário que, desta forma, são classificadas em categorias:

1ª Categoria – Movimentos construídos a partir da origem social da instituição que apoia ou abriga seus demandatários.

Todo movimento social é formado por agrupamentos humanos, coletivos e sociais; decorre que estão de uma forma ou de outra inseridos na sociedade. Esta inserção se dá a partir de algumas instituições de apoio ou abrigo, ou seja, a igreja, o partido, o sindicato, a escola ou até a família – em alguns movimentos sociais messiânicos, coronelistas ou feudais.

2ª Categoria – Movimentos sociais construídos a partir das características da natureza humana: sexo, idade, raça e cor. Nesta categoria temos uma série de movimentos sociais contemporâneos como os das mulheres, dos índios, dos negros, dos homossexuais, dos idosos, dos jovens e tantos outros. Na era da globalização, os movimentos desta categoria têm ganhado centralidade sobre outras lutas sociais, dada a sua natureza universalizante.

3ª Categoria – movimentos sociais construídos a partir de determinados problemas sociais

Além das dificuldades a serem superadas, existem bens cuja necessidade não é a de seu consumo, mas justamente o contrário, a de sua preservação ou uso controlado. A defesa de tais bens levou aos movimentos ecológicos, antinucleares, pacifistas etc. Há os movimentos em busca de solução ou criação de equipamentos coletivos de consumo: saúde, transportes, escolas, habitação, movimentos pela preservação do meio ambiente (geográfico, social, econômico e cultural): ecológicos, pacifistas, preservação do patrimônio público, defesa dos animais e plantas em geral.

4ª Categoria – movimentos sociais construídos em função de questão da conjuntura das políticas de uma nação (socioeconômica, cultural, etc.)

Encontram toda uma série de movimentos que os livros de história dos países registram usualmente como sublevações, insurreições, revoltas, motins, revoluções etc.

5ª Categoria – Movimentos sociais construídos a partir de ideologias

Todo movimento social tem uma ideologia. Entretanto, determinadas ideologias constroem, ao longo da história, uma utopia, ou seja, um ideal, uma meta, um propósito que mobiliza as pessoas para a luta; são dotadas de um conjunto de crenças que negam o instituído e repõem um novo paradigma para a ação e para o pensamento.

Conforme Gohn (2012), dez eixos temáticos são localizados em um mapeamento, localizando-os nos territoriais onde se encontra. Mas, na maioria das vezes, os eixos temáticos se desdobram em subtemas. Assim, o eixo temático questão urbana se desdobra nos subtemas moradia, violência urbana, prestação de serviços públicos e coletivos. Alguns eixos temáticos são ainda pouco pesquisados ou há poucos registros de sua ocorrência. A ordem desses eixos é aleatória e não responde a uma classificação. São eles:

- Movimentos sociais ao redor da questão urbana;
- Movimentos em torno da questão do meio ambiente e rural;
- Movimentos identitários e culturais: gênero, etnia, gerações;
- Movimentos de demandas na área do direito;
- Movimentos ao redor da questão da fome;
- Movimentos decorrentes de questões religiosas;
- Mobilizações e movimentos sociais na área do trabalho;
- Mobilizações de movimentos rurais;
- Movimentos sociais no setor de comunicações;
- Movimentos sociais globais.

Os estudos teóricos, conforme Gohn (2013), partem da abordagem clássica sobre os movimentos sociais nas ciências sociais norte-americanas, que teve início com o desenvolvimento da própria sociologia naquele país. Embora nem todos os teóricos tivessem procedência americana, foram nos Estados Unidos que mais se desenvolveu e, assim, ultrapassou fronteiras para outros países. Hoje seu estudo é fundamental para memória coletiva das primeiras teorias sobre movimentos sociais e

ações coletivas, além de servir como matrizes para os vários conceitos que estão sendo retomados pelo próprio paradigma norte-americano na contemporaneidade.

Stein (2009 apud GOHN, 2013) foi um dos pioneiros a utilizar o termo “movimento social”. Em 1842, postulou a necessidade de uma ciência da sociedade para o estudo do socialismo emergente na França, dando-lhe o sentido de uma luta contra dada situação. Os primeiros estudos que tomaram como objeto central de ações sociais coletivas similares aos movimentos sociais da atualidade referiam-se a eles como distúrbios populares. Na França, ao final do século XX, devem-se citar Taine (1887), Tarde (1898) e Le Bon (1895). Eles foram os pioneiros de uma sociologia de mobilizações.

Taine (idem) foi o primeiro a discutir o comportamento de massas, dando-lhe um tratamento psicológico baseado em instintos selvagens da natureza humana – com isto ele fez uma descrição pitoresca das revoltas revolucionárias. Taine forjou os princípios que foram trabalhados depois por Tarde, e Le Bon faz uma análise bastante conservadora, assim como Ortega e Gasset (1926). Eles deram elementos para uma teoria baseada no comportamento tido como irracional das massas, e foram influenciados por Freud – teoria da agressão instintiva, que tratou dos instintos selvagens de sobrevivência. As explicações sobre os impulsos violentos e a propensão à agressão também se alicerçaram em Darwin. Desvios do comportamento e frustrações explicavam o comportamento das lideranças das ações.

Muitos teóricos têm consenso em considerar o período de abordagem clássica sobre ações e comportamentos coletivos que dominou a sociologia norte-americana, como aquele que predominou dos anos de 1920 até os de 1960 do século XX, com várias ênfases e diferentes linhas, com várias características em comum: o núcleo de análise corresponde à teoria da ação social, compreensão dos comportamentos coletivos como meta principal segundo um enfoque sociopsicológico. A adesão aos movimentos seriam respostas cegas e irracionais de indivíduos desorientados pelo processo industrial que a sociedade gerava. Nessa abordagem era predominante a reação psicológica dos indivíduos diante das mudanças. Nesta concepção tradicional, os comportamentos coletivos eram considerados como fruto de tensões sociais (Gohn, 2012).

Cohen e Arato (1992 apud GOHN, 2012, p. 27) destacam que na “abordagem clássica” a quebra da ordem social vigente era essencial para que os movimentos sociais tivessem a capacidade de influenciar o sistema político, o qual era visto como uma sociedade aberta a todos, plural, permeável. Neste ponto, só os partidos políticos, os grupos de interesses e alguns líderes teriam tal capacidade. Na teoria clássica, a princípio, toda ação social era vista como antidemocrática e ameaçadora para o consenso social vigente, em virtude de fortes crenças ideológicas.

As transformações políticas ocorridas na sociedade norte-americana nos anos de 1960 levaram ao surgimento de uma nova corrente interpretativa sobre os movimentos sociais, a chamada teoria da Mobilização de Recursos (MR). Ela começou por rejeitar a ênfase que o paradigma tradicional dava aos sentimentos e ressentimentos dos grupos coletivos, assim como o *approach* eminentemente psicossocial dos clássicos, centrado nas condições de privação material e cultural dos indivíduos. A psicologia foi rejeitada como foco explicativo básico das ações coletivas, assim como todas as análises centradas no comportamento coletivo dos grupos sociais e a visão dos movimentos sociais como momentos de quebra das normas daqueles grupos.

O papel das crenças compartilhadas e o da identidade pessoal, tratados pelo paradigma clássico, foram rejeitados porque eram analisados sob o prisma do comportamento irracional das massas. A fragilidade do paradigma tradicional para explicar os movimentos sociais da década de 60 (que emergiram desde os anos de 1950), os dos direitos civis, aqueles contra a guerra do Vietnã, os do feminismo etc., que também contavam com a participação de militantes advindos das camadas médias da população, levou à formulação da teoria da MR. As teorias das tensões estruturais, privações, descontentamentos etc. eram, para os criadores da MR, insuficientes para explicar os novos movimentos. A nova teoria enquadrava as ações coletivas em explicações comportamentalistas organizacionais, rejeitando, portanto, a ênfase anterior dada pelo paradigma clássico aos sentimentos, descontentamentos e quebras de normas, todos de origem pessoal (Gohn, 2012).

Já nos anos de 1970, a partir de críticas endereçadas ao utilitarismo e ao individualismo metodológico da MR, delineia-se uma nova etapa no paradigma norte-americano em que se destaca a busca de elementos conceituais que preencham as lacunas existentes devido ao enfoque exclusivamente econômico da

MR, ampliando, assim, seu campo explicativo. Disto resultou que, enquanto a MR destacou os aspectos organizacionais, principalmente vinculados à lógica econômica que presidia às ações dos movimentos – tratados como uma organização formal-, a segunda etapa destacou o desenvolvimento do processo político, o campo da cultura foi reativado e a interpretação das ações coletivas foi enfocada como processo. A linguagem, as ideias, os símbolos, as ideologias, as práticas de resistência cultural, tudo passou a ser visto como componente dos conflitos expressos nos discursos, enquanto veículos de significados sociais que configuram as ações coletivas.

Enquanto a MR se deteve a analisar o movimento dos direitos civis, o das mulheres, contra a guerra e as armas etc., agora observa-se que muitos desses movimentos tiveram releituras, como o dos direitos civis. As mudanças no tratamento metodológico acompanharam as mudanças na vida real, onde passou a imperar a política do “politicamente correto”, a exemplo dos conflitos raciais: os negros deixam de ser chamados blacks e passam a ser denominados african-american. (GOHN, 2013, p. 50).

Outros movimentos surgiram e passaram a ser estudados: ecológicos, minorias nacionalistas, medicina alternativa, direitos dos animais, Nova Era, novos movimentos religiosos etc. O movimento ecológico cresceu na figura de organizações como Greenpeace, a Rainforest, etc. Conferências internacionais, setores do feminismo radical e grupos institucionalizados passaram a compor, entre outros temas, a nova agenda daquele movimento. O movimento pela paz deixa de ser mera oposição à guerra ou de se concentrar em bandeiras do tipo paz e amor, e a criação de uma nova ordem mundial holística passou a ser uma das grandes ênfases. (Gohn, 2013).

Estudos recentes da MP tendem a enfatizar o papel da mídia, caracterizando-a como filtro ou espelho dos movimentos sociais. A rigor, esta questão não é nova. Turner, em 1969, já trabalhara em um artigo denominado *The Public Perception of Protest*. Blumer também a destacara ao falar dos movimentos da moda. A novidade está nos tipos de meios de comunicação enfatizados nos anos de 1980, incluindo aí o uso da informática nas redes da *Internet* e a utilização das teorias sobre as comunicações, principalmente as de Habermas. A nova teoria estabeleceu laços entre as políticas institucionalizadas e os movimentos sociais propriamente ditos. Algumas premissas da MR foram mantidas, como a que tratava dos movimentos

sociais como processos de mobilização que, por sua vez, representavam a organização formal deste processo. (Gohn, 2012).

Conclui-se que a abordagem da Mobilização Política representa um avanço em relação a todas as outras teorias já produzidas pelo paradigma norte-americano. Ela introduz a política e localiza as ações das estruturas macrossociais. Mas está ainda muito presa ao modelo da racionalidade instrumental. As pessoas, os grupos e os movimentos agem segundo estímulos e estruturas de oportunidades externas. Eles usam sua racionalidade para escolher as melhores oportunidades políticas. Porém, a sociedade civil e o processo de mudança social são usualmente ignorados pela MP, existindo inclusive uma rejeição às teses que veem ou analisam os movimentos como campo de desenvolvimento desta sociedade civil, dentro de processos de constituição de novas identidades sociais.

Outro ponto de destaque enfatizado por Gohn (2013) é sobre o paradigma teórico latino-americano em que os movimentos sociais são mais uma colocação estratégica do que real. O que existe é um paradigma bem diferenciado de lutas e movimentos sociais, na realidade concreta, quando comparado com os movimentos europeus, norte-americanos, canadenses etc., e não um paradigma teórico propriamente dito. A utilização na América Latina de modelos teóricos produzidos na Europa e nos Estados Unidos tem longa tradição. A teoria sobre a modernização que proliferou nos anos de 1950 e 1960 partia de modelos comparativos entre os processos históricos ocorridos nos países de industrialização avançada e a América Latina. Ela levou abordagens evolucionistas e etapistas, e a diagnósticos equivocados. A “questão da marginalidade social” foi tratada como um problema cultural a ser resolvido por intermédio de processos de educação formal ou com o tempo – quando o país se desenvolvesse ou o “bolo” econômico desenvolvesse crescesse. A maioria das teorias elaboradas pela CEPAL (Comissão Econômica para Desenvolvimento da América latina) estava fundada naquele paradigma dualista de interpretação da realidade social: uma face moderna e outra atrasada. A contribuição daqueles estudos para a compreensão da realidade latino-americana estava na ênfase que se atribuía à participação social dos indivíduos, como parte do processo de integração social.

A teoria da dependência e a da marginalidade estrutural abriram caminho para que se focalizassem outros processos singulares da realidade latino-

americana, e surgiram num momento histórico importante: de crescimento econômico, controle social pelos regimes militares, arrocho salarial dos trabalhadores, supressão das liberdades individuais, crescimento das demandas de consumo das camadas médias, expansão do ensino superior e da tecnocracia estatal. Neste cenário de repressão das lutas sociais, surgiram inicialmente movimentos de resistência à dilapidação da força de trabalho e depois de clamores pela redemocratização do país. A influência teórica europeia inicial se faz predominantemente por meio do paradigma marxista, e isto também se explica pela predominância deste paradigma nos meios acadêmicos, nas universidades públicas e nas chamadas comunidades de 1970 (Gohn, 2013).

A abordagem marxista foi sendo substituída pela dos Novos Movimentos Sociais ao longo dos anos de 1980. Assim, vários analistas brasileiros, que sempre estigmatizaram toda e qualquer abordagem americana como funcionalista-conservadora e se filiavam às europeias por considerá-las progressistas e críticas, absorveram vários conceitos e categorias do paradigma norte-americano por desconhecer o debate que ocorria no cenário internacional e as interações que estavam ocorrendo. Nos anos de 1990, a teoria dos Novos Movimentos Sociais se estagna.

Apesar de recente, a produção teórica sobre os movimentos sociais urbanos no Brasil já possui vários balanços: Jacobi (1980 e 1989), Torres Ribeiro e Machado da Silva (1984), Cardoso (1983, 1994), Kowarick (1987). Alguns foram realizados vários anos atrás e contemplaram um número pequeno de estudos então existentes (Jacobi, 1980). Outros foram parciais, concentrando-se nas linhas gerais de alguns dos estudos realizados (Cardoso, 1983 e 1995). Outros, ainda, não tinham o objetivo de realizar um balanço propriamente dito, mas destacaram as principais orientações teóricas utilizadas (Gohn, 1987, 1995). Alguns levantamentos bibliográficos também destacaram a questão (Burgwal, 1990; Warren, 1995). A maioria dos estudos foi realizado nos anos de 1980 e nos anos de 1990 em que houve um declínio do interesse pelo estudo dos movimentos em geral, assim como declinou a preocupação com seu registro histórico contemporâneo, já que o resgate histórico do passado das lutas e movimentos sempre fora uma área de pouca atenção dos pesquisadores (Gohn, 2013).

Gohn (2012) destaca que, no final dos anos de 1970, no Brasil, quando se falava em novos movimentos sociais, em encontros, seminários e colóquios acadêmicos, tinha-se bem claro em que fenômeno se estava trabalhando. Era sobre os movimentos sociais populares urbanos, particularmente aqueles que se vincularam às práticas da Igreja católica, na ala articulada à Teologia da Libertação.

O ano de 1980 marcará algumas mudanças nas análises sobre os movimentos urbanos. As causas estão na conjuntura sociopolítica explosiva dos anos de 78 a 79, no surgimento de inúmeros movimentos e formas organizativas populares, e na publicação de textos importantes que serviram de subsídios às análises da realidade urbana, como o de Lúcio Kowarick, *Espoliação urbana*.

O referencial teórico predominantemente continuava a ser o marxista, com enfoque na análise das contradições sociais, embora já se iniciasse um processo de crítica a este esquema. Os anos de 1990 destaca-se pelo cenário dos movimentos sociais que se alteram no Brasil e com ele o quadro de pesquisadores.

O homem e sua maneira de pensar são realidades universais. Mas sua forma de viver e representar o vivido tem características locais, regionais e nacionais peculiares. Ainda que se esteja vivendo um período denominado a era das globalizações, que esteja se tornando uma grande aldeia global, é necessário que se demarquem as peculiaridades históricas locais, no plano econômico, político, social e, fundamentalmente, no plano cultural. Assim, será possível construir explicações teóricas sobre os movimentos sociais latino-americanos, especialmente na era da globalização, enquanto as fronteiras entre as nações são ofuscadas, e os fenômenos locais tendem a ser absorvidos pela dinâmica do global (Gohn, 2012).

A produção teórica no novo milênio defronta-se com novas demandas e novos conflitos e formas de organização, todos gerados pelas mudanças ocorridas nas últimas décadas do século XX, genericamente circunscritas como efeitos da globalização, em suas múltiplas faces. Novíssimos sujeitos entram em cena, como os movimentos sociais “anti” ou “alterglobalização”. Várias lutas sociais eclodem, abrangendo temáticas que vão da biodiversidade, do biopoder, de lutas e demandas étnicas, às lutas religiosas de diferentes seitas e crenças. Um sujeito coletivo passa a dominar o cenário desses conflitos – o imigrante –, e seus direitos culturais são ignorados ou punidos.

No final do século XX e início do novo milênio, o tema dos movimentos sociais retoma um lugar central no plano internacional. Organizações terroristas e movimentos de fanatismo religioso também passam a ocupar a atenção dos pesquisadores, mas a agenda de pesquisa sobre os movimentos sociais não é retomada apenas com os temas globais. Ações comunitárias locais também ganham destaque tanto no plano internacional como no Brasil (Gohn, 2012).

As redes temáticas de pesquisas formam-se e os temas dos movimentos sociais deixam de ser objeto de pesquisa apenas da academia. Organizações não governamentais (ONGs) e outras entidades do terceiro setor, assim como entidades do poder público administrativo, iniciam pesquisas empíricas sobre alguns movimentos sociais a fim de obter dados para seus planos e projetos de intervenção na realidade social.

Neste milênio, observa-se que o campo de temas e problemas sociais continua bastante amplo, entrando no universo da cultura, da economia, das relações sociais e políticas, dos valores morais e religiosos etc. Tudo isso tem alterado a forma e as estruturas do associativismo da sociedade civil e suas relações com o Estado. No Brasil, passou a imperar um modismo, que tenta se desvencilhar de imagens movimentalistas dos anos de 1980 e construir novas representações sobre as ações civis, agora tidas como ativas e propositivas, atuando segundo formas modernas de ação coletiva, expressas em discursos como “articular-se em redes como exigência para sobrevivência” (Gohn, 2012, p. 274). Por outro lado, à medida que o cenário da questão social se alterou, novíssimos atores/sujeitos sociais entraram em cena na sociedade civil, como as ONGs e as políticas sociais públicas, que ganharam destaque na organização dos grupos sociais. Resulta que a sociedade civil organizada passou a orientar suas ações coletivas e associações por outros eixos, focada menos nos pressupostos ideológicos e políticos predominantes nos movimentos sociais dos anos de 1970 e 1980, e mais nos vínculos sociais comunitários organizados segundo critérios de cor, raça, idade, gênero, habilidades e capacidades humanas.

Gohn (2012) afirma que dessas novas articulações as redes sociais e temáticas são organizadas segundo gênero, faixas etárias, questões ecológicas e socioambientais, étnicas, raciais, religiosas etc., além dos fóruns, conselhos e outros que compõem o novo quadro do associativismo brasileiro. As atuais formas de

associações civis organizadas em redes são compostas por: movimentos sociais, associações comunitárias, ônus, fóruns, conselhos, câmaras, assembleias, que são agrupadas em três grandes blocos:

- Os movimentos e ações de grupos identitários que lutam por direitos: sociais, econômicos, políticos e culturais. São movimentos de segmentos sociais excluídos pertencentes às camadas populares (mas não exclusivamente).
- Movimentos e organizações de luta por melhores condições de vida e de trabalho, no urbano e no rural, que demandam acesso e condições para – terra, moradia, alimentação, saúde, lazer, transporte, infraestrutura, emprego, salário, etc.
- Os movimentos globais ou globalizantes são lutas que atuam em redes sociopolíticas e culturais via fóruns, plenárias, colegiados, conselhos, etc. Essas lutas também são responsáveis pela articulação e globalização de muitos movimentos sociais locais, regionais, nacionais e transnacionais.

No universo das nomenclaturas sobre as redes, alguns atores diferenciam redes associativas movimentalistas (compostas de movimentos sociais) e redes de mobilizações civis. Eles tendem a separar estas duas correntes em termos históricos – a primeira corresponderia ao passado, principalmente à fase de organização dos cidadãos por categoria de trabalhadores, nos sindicatos, ou categorias de moradores, nos movimentos de bairros e outros. Ou seja, reservam o termo movimento social e associativismo para um tempo passado. Para eles, o termo mobilização refere-se a um “associativismo” moderno num cenário de políticas globalizadas, de cidadãos participantes nas políticas públicas, onde o termo movimento aparece como resultado de uma ação e não como sujeito principal da mesma. (Gohn, 2012).

O importante é que o uso das redes e estruturas associativas existentes na sociedade civil seja vista como uma forma de democratizar a gestão pública para se ter controle social e inverter as prioridades das administrações, no sentido de políticas que atendam não apenas às questões emergenciais, mas que contemplem o crescimento econômico com o desenvolvimento autossustentável das populações atendidas, assim como respeitem os direitos dos cidadãos.

Neste sentido, a análise dos cartazes das manifestações sociais brasileiras interpreta que os manifestos que ocorreram no Brasil, em 2013 analisam

discursivamente “vozes” que não negavam o Estado, mas reivindicavam um Estado menos dependente dos bancos, de multinacionais, de empresários, etc. Uma grande massa da população aderiu aos protestos porque estavam atentos ao cenário nacional e se sentiam não representados (“não nos representam” foi o dizer de um cartaz), sem canais de expressão. Manifestantes sentiam-se detentores de direitos apenas no papel, na lei, mas não na prática, tais como ser atendido como um cidadão na hora em que necessita do sistema público de saúde, como preconiza a lei; ter uma escola com ensino de qualidade, etc. Com os manifestos, esses cidadãos constituíram-se em sujeitos de direito no espaço público como forma de expressar suas exigências e suas existências.

1.1.2 A análise do discurso

Muitas especificidades são apresentadas perante os vários manifestos sociais que ocorrem e já ocorreram em nosso país; assim, as vozes das ruas ecoam seus pertencimentos, ideologias e identidades em discursos que se proliferam e evidenciam uma heterogeneidade discursiva. A linguagem, enquanto discurso, não constitui um sistema de signos utilizados apenas para comunicação ou pensamento, pois ela é interação, um modo de produção social, um lugar apropriado para a manifestação da ideologia. A linguagem é um lugar de conflito, de confronto ideológico em que seus processos constitutivos são histórico-sociais, não podendo ser estudada fora da sociedade e nem de suas condições de produção.

Orlandi (2013) pontua que a Análise de Discurso não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso, e esse termo tem, em si, a ideia de curso, percurso, movimento, de correr por. Assim, para a autora, o discurso é palavra em movimento, prática de linguagem e efeito de sentido. A análise de discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada sociedade.

Para Orlandi (2013), a análise do discurso compreende como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando, assim, os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm

no real do sentido. Assim, origina-se a Análise do Discurso que, de acordo com Mussalim (2003), há mais de um tipo:

Ao falarmos da especificidade da AD que não há apenas uma Análise do Discurso (...), em decorrência dessa fronteira instável sobre a qual ele privilegia o contato, surgem diferentes “Análises do Discurso”. Classicamente considera-se que, se uma delas mantém uma relação privilegiada com a História, com os textos de arquivo, que emanam as instâncias institucionais, enquanto uma outra privilegia a relação com a Sociologia, interessando-se por exemplo, têm-se duas “Análises do Discurso” diferentes: a Análise do Discurso de origem francesa, que privilegia o contato com a História, e a Análise do Discurso anglo-saxã, área bastante produtiva no Brasil, que privilegia o contato com a Sociologia. (MUSSALIM, 2003, p.113).

Mas, segundo a autora, também se observa semelhança entre as linhas teóricas da Análises do Discurso, havendo um elemento comum que diz respeito à própria especificidade da AD: o estudo da discursivação, o estudo das relações entre condições de produção dos discursos e seus processos de constituição.

Concebe-se a Análise do Discurso de linha francesa (AD) como um modelo metodológico que nasceu na década de 1960, associada a uma tradicional prática escolar francesa: a explicação de textos. Trata-se, portanto, de uma metodologia que, privilegiando a interdisciplinaridade, articula pressupostos teóricos da Linguística, do Materialismo Histórico e da Psicanálise (Mussalim, 2003).

Não se sabe quem foi o fundador da disciplina da Análise do Discurso. Muitos atribuem sua origem a Jean Dubois e Michel Pêcheux, como nos apresenta Mussalim (2003), sendo que ambos partilhavam do Marxismo e da Política, das convicções sobre a luta de classes, da história e do movimento social. É sob o horizonte do Marxismo e da Linguística que nasce a Análise do Discurso.

Orlandi (2012) descreve sobre os estudos que antecedem e preparam o campo para a Análise de Discurso. Também aborda sobre os três domínios disciplinares: Linguística, Marxismo e Psicanálise, assim como os deslocamentos produzidos pela Análise de Discurso. Orlandi (2012) argumenta que podemos dizer que a AD pressupõe a psicanálise, a linguística e o marxismo, constituindo-se como uma disciplina de entremeio, localizada na contradição dos três campos do saber.

Assim, a análise de discurso se faz entre a linguística e as ciências sociais. Se, por um lado, interroga a linguística que exclui o que é histórico-social ao pensar

a linguagem, por outro lado interroga as ciências sociais na medida em que não consideram a linguagem em sua materialidade. A análise de discurso faz isso sem, no entanto, ser uma resposta a essas questões. Mostra que, para responder ao que interroga, é necessário um deslocamento de terreno e constituir outra região teórica em que a relação entre o sócio-histórico e o linguístico é constitutiva. Ou seja, o que liga o dizer à sua exterioridade constitui o próprio dizer (Orlandi, 2012).

A Análise do Discurso, abreviadamente AD, busca definir o seu campo de atuação, procurando analisar textos impressos. A AD, inicialmente, era definida como “o estudo linguístico das condições de produção de um enunciado”, apoiando-se sobre conceitos e métodos da linguística. Mas só a linguística não é suficiente para marcar a especificidade da AD no interior dos estudos da linguagem e, para isso, será necessário considerar outras dimensões, como a ideologia e o discurso.

Pêcheux (1975 apud BRANDÃO, 2004), um dos estudiosos mais intensos da AD, elabora seus conceitos por meio dos estudos de Althusser, sobre a ideologia, e de Foucault, sobre o discurso:

Para analisar a definição de ideologia dada por Althusser, primeiramente devemos conhecer a definição de ideologia dada por Marx e Engels, muito usada para a definição de ideologia por vários autores. Dessa forma, se em Marx o termo “ideologia” parece estar reduzido a uma simples categoria filosófica de ilusão ou mascaramento da realidade social, isso decorre do fato de se tomar, como ponto de partida para a elaboração de sua teoria, a crítica ao sistema capitalista e o respectivo desnudamento da ideologia burguesa. A ideologia a que ele se refere é, portanto, especificamente a ideologia da classe dominante. (PÊCHEUX apud BRANDÃO, 2004, P. 22).

Após a definição de Marx e Engels, podemos conhecer como funciona a ideologia de Althusser, também referida por Brandão:

(...) Althusser afirma que, para manter sua dominação, a classe dominante gera mecanismo de perpetuação ou de reprodução das condições materiais, ideológicas e políticas de exploração. É aí então que entra o papel do Estado que, através de seus Aparelhos Repressores – ARE – (compreendendo o governo, a administração, o exército, a polícia, os tribunais, as prisões et.) e Aparelhos Ideológicos – AIE – (compreendendo instituições tais como: a religião, a escola, a família, o direito, a política, o sindicato, a cultura, a informação), intervém ou pela repressão ou pela ideologia, tentando forçar a classe dominada a submeter-se às relações e condições de exploração. (BRANDÃO, 2004, p.23).

Althusser (apud Brandão, 2004) também afirma que toda ideologia tem por função constituir indivíduos concretos em sujeito, exercendo papel importante no

funcionamento de toda ideologia. É por meio dos rituais materiais da vida cotidiana que a ideologia opera a transformação dos indivíduos em sujeitos e, na condição de categoria constitutiva da ideologia, será somente através do sujeito e no sujeito que a existência da ideologia será possível.

Ao fazer uso da ideologia, o sujeito faz uso dos discursos, os quais, segundo Foucault (idem), são como um conjunto de enunciados que se remetem a uma mesma formação discursiva. Para Foucault, a análise de uma formação discursiva consistirá, então, na descrição dos enunciados que a compõem. E a noção de enunciado em Foucault é contraposta à noção de proposição e de frase (...), concebendo-o como a unidade elementar, básica que forma o discurso. “O discurso seria concebido, dessa forma, como uma família de enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva”. (BRANDÃO, 2004, p.33).

Entende-se, assim, que a formação discursiva não só se circunscreve na zona do dizível – do que pode e o que deve ser dito – definindo conjunto(s) de enunciado(s) possíveis, a partir de um lugar determinado, como também circunscreve o lugar do não dizível – o que não pode e o que não deve ser dito. Por esta razão, para tratar de formações discursivas, faz-se necessário tratar da interação entre formações discursivas, já que a identidade do discurso se constrói na relação com o “Outro”, esteja ele marcado ou não linguisticamente.

Calcada no materialismo histórico, a AD concebe o discurso como uma manifestação, uma materialização da ideologia decorrente do modo de organização social. Sendo assim, o sujeito do discurso não poderia ser considerado como aquele que decide sobre os sentidos e as possibilidades enunciativas do próprio discurso, mas como aquele que ocupa um lugar social e, a partir dele, enuncia sempre inserido no processo histórico que lhe permite determinadas inserções, e não outras. Em outras palavras, o sujeito não é livre para dizer o que quer, mas é levado, sem que tenha consciência disso, a ocupar seu lugar em determinada formação social e enunciar o que lhe é possível a partir do lugar que ocupa (Mussalim, 2003).

Para Orlandi (2012), a ideologia representa a saturação, o efeito de completude que, por sua vez, produz o efeito de “evidência”, sustentando-se sobre o já-dito, os sentidos institucionalizados, admitidos por todos como “naturais”. Na ideologia, não há ocultação de sentidos, mas apagamento do processo de sua constituição. Conforme Orlandi, “o trabalho ideológico é um trabalho de memória e

do esquecimento, pois é quando passa para o anonimato que o dizer produz seu efeito de literalidade, a impressão do sentido-lá” (ORLANDI, 2012, p. 49).

Brandão (2004) argumenta que os discursos são governados por formações ideológicas, entendendo-as como um elemento capaz de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica de uma formação social, em um determinado momento. Entende a autora que “cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito, umas em relação às outras.” (BRANDÃO, 2004, p. 50). Nesse sentido, a formação ideológica tem como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas. Desse modo, as formações discursivas inscritas em uma formação ideológica é que vão determinar “o que pode ou deve ser dito” a partir de uma conjuntura dada (Brandão, 2004).

Assim, as formações discursivas representam, na ordem do discurso, as formações ideológicas que lhe correspondem. Se é a formação discursiva que determina o que se pode e o que se deve dizer – a partir de uma posição dada, em uma dada conjuntura – as palavras, expressões e proposições em uso recebem o seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas. Desse modo, tais palavras, expressões ou proposições mudam de sentido segundo as posições mantidas por aqueles que as empregam, o que significa que elas tomam seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem (Brandão, 2004).

Os estudiosos de AD postulam que, se por um lado não há discurso destituído de ideologia, por outro não há discurso que não tenha e/ou apresente a inscrição de outros, visto que todos eles nascem e apontam na perspectiva de suas relações com outros discursos. Desse modo, a AD privilegia o conceito de interdiscursividade para os estudos que desenvolve no campo da investigação sobre a linguagem. Assim sendo, a uma dada formação discursiva sempre corresponde uma dada formação ideológica (Brandão, 2004). Para Orlandi (2012), é na formação discursiva que se constitui o domínio do saber, o que funciona como um princípio de aceitabilidade para um conjunto de formulações e, ao mesmo tempo, como um conjunto de exclusão do “não-formulável”.

Considerando que as formações discursivas são heterogêneas e suportam o convívio do diferente e contraditório em seu interior, não se pode mais falar em sujeito centrado da maquinaria discursiva. Ao tomar diferentes posições-sujeito numa dada FD, o sujeito revela-se cingido, dividido entre o consciente e o inconsciente (Mussalin, 2003). A autora, trata da questão da heterogeneidade constitutiva do discurso, apontando três tipos de heterogeneidade abordada por Authier-Revuz:

a) aquela em que o locutor ou usa das suas próprias palavras para traduzir o discurso de um Outro (discurso relatado) ou então recorta as palavras do Outro e as cita (discurso direto); b) aquela em que o locutor assinala as palavras do Outro em seu discurso, por meio, por exemplo, de aspas, de itálico, de uma remissão a outro discurso, sem que o fio discursivo seja interrompido; c) aquela em que a presença do Outro não é explicitamente mostrada na frase, mas é mostrada no espaço implícito, do sugerido, como nos casos do discurso indireto livre, da antífrase, da ironia, da imitação, da alusão. (MUSSALIM, 2003, p.135).

Desta forma, a construção de um discurso pelo sujeito depende de suas condições de produção, sendo que o que garante a especificidade da Análise do Discurso:

(...) é a relação que os analistas do discurso procuram estabelecer entre um discurso e suas condições de produção, ou seja, entre um discurso e as condições sociais e históricas que permitiram que ele fosse produzido e gerasse determinados efeitos de sentido e não outros. (MUSSALIM, 2003, p.112).

Segundo Brandão (2004), foi Pêcheux quem tentou fazer a primeira definição empírica geral da noção de condição de produção, inscrevendo a noção do esquema informacional da comunicação elaborada por Jakobson, colocando em cena os protagonistas do discurso e o seu referente, permitindo compreender as condições (históricas) da produção de um discurso.

Outros pontos importantes dentro das relações existentes entre a Formação Ideológica e a Formação Discursiva seriam a importância do sujeito e autoria na formação do discurso. Quando se fala na autoria dos discursos, sobre de quem é a fala e o conteúdo abordado nos mesmos tem-se a concepção de que ela pertence ao sujeito, de que é opinião do próprio autor, porém não é essa a concepção da

Análise do Discurso. Quando se trata o discurso, em relação ao seu autor, segundo as palavras de Mussalim (2003, p.119), o sujeito não pode ser concebido como um indivíduo que fala, “como fonte do próprio discurso, (...) quem de fato fala é uma instituição, ou uma teoria, ou uma ideologia”. Mussalim explica como funciona a relação do sujeito com o discurso e a ideologia utilizando as palavras de Foucault, citadas em sua obra:

O sujeito passa a ser concebido como aquele que desempenha diferentes papéis de acordo com as várias posições que ocupa no espaço interdiscursivo. (...) O sujeito apesar de desempenhar diversos papéis, não é totalmente livre; ele sofre as coerções da formação discursiva do interior do qual já enuncia, já que esta é regulada por uma formação ideológica. Em outras palavras, o sujeito do discurso ocupa um lugar de onde enuncia, e é este lugar, entendido como a representação de traços de determinado lugar social, (...) que determina o que ele pode ou não dizer a partir dali, ou seja, este sujeito, ocupando o lugar que ocupa no interior de uma formação social, é dominado por uma determinada formação ideológica que preestabelece as possibilidades de sentido de seu discurso. (MUSSALIM, 2003, p.133).

Para Orlandi (2013), a autoria é uma função do sujeito; a função-autor é uma função discursiva do sujeito e estabelece-se ao lado de outras funções enunciativas, que são o locutor e o enunciador. O locutor é aquele que se representa como “eu” no discurso e o enunciador é a perspectiva que esse “eu” constrói. Se o sujeito é opaco e o discurso não é transparente, o texto deve ser visível, colocando-se na origem de seu dizer. É do autor que se exige: coerência, respeito às normas estabelecidas, explicitação, clareza, conhecimentos das regras textuais, originalidade, relevância, unidade, não contradição, progressão e duração de seu discurso, ou melhor, de seu texto (Orlandi, 2013).

Essas exigências têm uma finalidade: elas procuram tornar o sujeito visível (enquanto autor) com suas intenções, objetivos, direção argumentativa. Um sujeito visível é calculável, identificável, controlável. Como autor, o sujeito, ao mesmo tempo em que reconhece uma exterioridade à qual ele deve se referir, ele também se remete a sua interioridade, construindo, desse modo, sua identidade como autor. Trabalhando a articulação interioridade/exterioridade, ele “aprende” a assumir o papel de autor e aquilo que ele implica. (Orlandi, 2013)

Diante dessa concepção de que o sujeito não é o senhor de seu discurso, sofrendo as coerções de uma Formação Ideológica e Discursiva, submetido à sua

própria natureza inconsciente, surge a questão da interpelação ou assujeitamento (sujeito ideológico), que consiste em fazer com que cada indivíduo, sem que tenha consciência disso, tenha a impressão de que é o senhor de sua própria vontade, levado a ocupar seu lugar em um dos grupos ou classes de uma determinada formação social. (Mussalim, 2003)

Com as palavras de Pêcheux, Mussalim (2003) complementa a questão da interpelação ou assujeitamento do sujeito:

O sujeito se ilude duplamente: a) por “esquecer-se” de que ele mesmo é assujeitado pela formação discursiva em que está inserido ao enunciar (esquecimento n. 1); b) por crer que tem plena consciência do que diz e que por isso pode controlar os sentidos de seu discurso (esquecimento n. 2). Esses dois esquecimentos estão constitutivamente relacionados ao conceito de assujeitamento ideológico, ou interpelação ideológica, que consiste em fazer com que cada indivíduo (sem que ele tome consciência disso, mas, ao contrário, tenha a impressão de que é senhor de sua própria vontade) seja levado a ocupar seu lugar, a identificar-se ideologicamente com grupos ou classes de uma determinada formação social. (MUSSALIM, 2003, p.135).

Pêcheux (apud Mussalim, 2003) ainda ressalta que o sujeito não pode ter acesso às reais condições de produção de seu discurso devido à inconsciência que o atravessa e ao próprio conceito de discurso com o qual trabalha a AD - uma teoria materialista da discursividade -, que representa essas condições de maneira imaginária.

Esse jogo de imagens, mesmo estabelecendo as condições de produção do discurso, ou seja, aquilo que o sujeito pode/deve ou não dizer, a partir do lugar que ocupa e das representações que faz ao anunciar, não é preestabelecido antes que o sujeito enuncie o discurso, mas este jogo vai se constituindo à medida que se constitui o próprio discurso. Em outras palavras, o sujeito não é livre para dizer o que quer, a própria opção do que dizer já é em si determinada pelo lugar que ocupa no interior da formação ideológica à qual está submetido, mas as imagens que o constrói ao enunciar só se constituem no próprio processo discursivo. (MUSSALIM, 2003, p.137).

Assim como os discursos são construídos por meio de uma ideologia, de formações discursivas e ideológicas, das condições de produção e da participação do sujeito, embora de maneira inconsciente através do assujeitamento ou interpelação ideológica, não se pode deixar de falar do sentido dos discursos:

Para a AD o que está em questão não é o sujeito em si; o que importa é o lugar ideológico de onde enunciam os sujeitos. (...) Dessa forma, apesar do caráter constitutivamente heterogêneo do discurso, não se pode concebê-lo como livre de restrições. O que é e o que não é possível de ser enunciado por um sujeito já está demarcado pela própria formação discursiva na qual está inserida. Os sentidos possíveis de um discurso, portanto, são sentidos demarcados, preestabelecidos pela própria identidade de cada uma das formações discursivas colocadas em relação no espaço interdiscursivo. No entanto, apesar dos sentidos possíveis de um discurso estarem preestabelecidos, eles são constituídos a priori, ou seja, eles não existem antes dos discursos. O sentido vai se constituindo à medida que se constitui o próprio discurso. Não existe, portanto, o sentido em si, ele vai sendo determinado simultaneamente às posições ideológicas que vão sendo colocadas em jogo na relação entre as formações discursivas que compõem o interdiscurso. (MUSSALIM, 2003, p.131).

Desta forma, as formações discursivas que compõem o interdiscurso, com seus sentidos preestabelecidos, são constituídas concomitantemente à construção do discurso, recurso imprescindível para a análise discursiva dos cartazes dos manifestos sociais no Brasil, principalmente quanto à heterogeneidade do discurso. Assim, a metodologia e procedimentos de análise foram relacionados às fases da AD, que auxiliaram na intervenção e resultados da pesquisa, realizadas por meio de Sequência Didática, como se verá a seguir.

2 METODOLOGIA

2.1 ESTRATÉGIA E MÉTODO DE PESQUISA

O estudo teve como foco a pesquisa-ação educacional, que é uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos. Conforme Tripp (2005), o reconhecimento é uma análise situacional que produz ampla visão do contexto da pesquisa-ação, práticas atuais, dos participantes e envolvidos. Com o objetivo de implementar a mudança para melhora da prática, o reconhecimento segue exatamente o mesmo ciclo da pesquisa-ação, planejando como monitorar e avaliar a situação atual, a fim de planejar uma mudança adequada da prática no primeiro ciclo da pesquisa-ação.

Tripp (2005) afirma que a natureza interativa do processo de investigação-ação talvez seja sua característica isolada mais distintiva. Muito embora todos os processos de melhoria e desenvolvimento tendam a incluir todas as fases do ciclo básico de investigação-ação, nem todos o fazem na mesma sequência nem repetem o ciclo de uma maneira corrente para realizar melhorias no processo ensino e aprendizagem. A maioria das soluções de problemas, como por exemplo, o desenvolvimento organizacional ou a pesquisa experimental, não é investigação-ação segundo esse critério. A pesquisa-ação, como uma forma de investigação-ação, é um processo corrente, repetitivo, no qual o que se alcança em cada ciclo fornece o ponto de partida para se promover mais melhorias no seguinte. Como promoção positiva no projeto como um todo, deve-se ter como meta que um projeto de pesquisa-ação:

1 - trate de tópicos de interesse mútuo; 2 - baseie-se num compromisso compartilhado de realização da pesquisa; 3 - permita que todos os envolvidos participem ativamente do modo que desejarem; 4 - partilhe o controle sobre os processos de pesquisa o quanto possível de maneira igualitária; 5 - produza uma relação de custo-benefício igualmente benéfica para todos os participantes; 6 - estabeleça procedimentos de inclusão para a decisão sobre questões de justiça entre os participantes. (TRIPP, 2005, p. 455).

Desta forma, a pesquisa-ação, conforme Paulino (2003), possibilita ao aluno a construção das práticas de linguagem autônomas com fundamentação crítica em expressar suas ideias de forma discursiva e se posicionar como um ser integrado às práticas de leitura, desmistificando a fragmentação do mundo e integrando-o como um leitor que, instigado pelo que lê, produz sentidos, dialoga com o texto, com os intertextos e com o contexto, ativando sua biblioteca interna (Paulino, 2003).

As práticas pedagógicas devem ser direcionadas não para uma ação em que apenas constatem os problemas, mas para que possam aprender a resolvê-los em sala de aula por meio de atividades que contemplem a todos, além de incluir todos no processo de ensino e aprendizagem. O aprendizado do pensar e agir criticamente sobre o mundo depende não somente da prática do modo oral e de tipos argumentativos, mas do desenvolvimento da compreensão, da produção textual e da operacionalização de atividades baseadas na negociação de significados e, também, em relação a diferentes processos e ações de suporte do aprendizado: do conhecimento dos usos e das funções da escrita nas situações sociocomunicativas, do reconhecimento global de palavras, por composição e decomposição de unidades maiores e menores, e da convenção ortográfica da língua. (MAGALHÃES, 2012). No processo de intervenção, torna-se essencial que o professor estude para conhecer o assunto e procedimentos para o processo de ensino e aprendizagem e como os educandos podem contribuir para a construção desse aprendizado. A negociação ocorre nesse jogo entre o mediador e o objeto do conhecimento (o que será aprendido e como será aprendido), e permeia toda a atividade de letramento, proporcionando a ampliação do conhecimento dos usos e funções dos modos oral, escrito e visual (MAGALHÃES, 2012).

O processo de formação que visa ao desenvolvimento da participação crítica do discente está aliado à definição de objetivos direcionados à tomada de decisões para facilitar o acompanhamento e a definição de parâmetros gerais também de avaliação. Partindo dessas reflexões, o trabalho foi desenvolvido por meio de estratégias em Sequência Didática que Dolz (2004) define como um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito, cuja finalidade ajude o aluno a dominar melhor um gênero de texto. A estrutura de base de uma SD segue os seguintes procedimentos: Apresentação da situação, produção inicial, módulos e produção final.

1. Apresentação da situação – em que se expõe aos alunos um projeto de intervenção que será realizado “verdadeiramente” na produção final; apresentar um problema de comunicação bem definido, a quem será dirigido a produção, que formas assumir, quem participará e preparação dos conteúdos dos textos que serão produzidos.

2. Produção inicial – revela-se para os alunos e professores as representações; não se põe o aluno em situação de insucesso, permitindo circunscrever as capacidades de que os alunos já dispõem em suas potencialidades; define-se o ponto preciso em que o professor pode intervir melhor e o caminho ainda a ser percorrido; papel central regulador da SD pode motivar tanto a sequência quanto o aluno. Define-se um primeiro encontro com o gênero, primeiras aprendizagens e realização prática de uma avaliação formativa.

3. Módulos - trabalhar os problemas que aparecem na primeira produção e dar aos alunos instrumentos necessários para superá-los; encaminhamento de composição e de trabalho; encaminhamento de composição e de trabalhos sobre problemas: que dificuldades da expressão oral ou escrita abordar? Como construir um módulo para trabalhar um problema particular e como capitalizar o que é adquirido nos módulos?

4. Produção final - Investir as aprendizagens – indicar os objetivos a serem atingidos (O que aprendi? O que resta a fazer?). Servir de instrumento para regular e controlar seu próprio comportamento de produtor de textos durante a revisão e a reescrita; permitir avaliar os progressos em uma avaliação tipo somativa.

Desta forma, foram desenvolvidas ações que se voltaram às análises e especificidades sobre as manifestações sociais no Brasil, de acordo com pressupostos históricos a respeito de mobilizações sociais, tendo como estudo teorias sobre movimentos sociais, revistas, livros, *links* e *sites* específicos. Textos e leituras cruzadas foram analisados e discutidos em sala, tais como: filme, notícias, reportagens, enquetes, editorial e vídeos, destacando o multiletramento, com enfoque nos gêneros que se interligam aos manifestos realizados no Brasil em junho de 2013 e seus reflexos contemporâneos na conjuntura nacional e global. Além dessas especificidades, alguns procedimentos foram utilizados para a análise discursiva dos cartazes.

Os procedimentos de análise das características discursivas dos cartazes dos manifestos sociais de junho de 2013 partiram das fases AD-2 e AD-3 da análise do discurso, conforme estudos baseados em Mussalim (2003) e Orlandi (2013). Na AD-2 é considerado o conceito de formação discursiva, elaborado pelo filósofo Michel Foucault (1969-2004), em que define o discurso como um conjunto de enunciados que provém de um mesmo sistema de formação, constituído por um número limitado de enunciados pelos quais se pode definir um conjunto de condições de existência. Salienta, também, que mais de um discurso pode relevar uma mesma formação discursiva (MUSSALIN, 2003).

Com a reconfiguração da definição de formação discursiva por Pêcheux, é estabelecido que toda formação social caracteriza-se por certa relação entre as classes sociais que implica posições ideológicas e políticas que se organizam em formações diferenciadas, sejam de confronto ou antagonismo; aliança ou dominação, verificadas nos módulos de interpretação do trabalho (MUSSALIN, 2003).

Ainda em Mussalim (2003), na AD-2 é observado que o espaço de uma FD é atravessado por discursos que vieram de outro lugar e, desta forma, a análise dos cartazes passa por uma relação de “máquinas discursivas”; porém, a interpretação da pesquisa ocorreu mesmo por meio da terceira fase da Análise do Discurso, AD-3, no que diz respeito à relação de uma FD com as outras, na perspectiva de que uma FD está sempre dominada pelo interdiscurso. O objeto da análise passa a ser o espaço de trocas entre formações discursivas.

Na análise de discurso dos cartazes esclarece-se que, na AD-3, há noções que encampam o não dizer: a noção de interdiscurso, a de ideologia, a de formação discursiva. O que já foi dito, mas já foi esquecido, tem um efeito sobre o dizer que se atualiza em uma formulação. O sujeito do discurso se faz, se significa na/pela história. A ideologia se liga inextricavelmente à interpretação enquanto fato fundamental que atesta a relação da história com a língua, na medida em que esta significa e que a conjunção “língua/história” possa ser dada pelo funcionamento da ideologia.

Com os procedimentos da análise do discurso definidos, foram selecionados os cartazes que serviram de *corpus* para a intervenção e resultados. O gênero cartaz foi trabalhado conforme sua especificidade e estrutura discursiva, ao

propósito de culminância do projeto. O hipertexto e multimodalidade em relação aos materiais impressos e virtuais estabeleceram vínculos entre os componentes textuais de análise discursiva e comparativa em um processo intertextual e de interdiscursividade nos vários manifestos sociais brasileiros, com ênfase ao contexto contemporâneo.

Cabe mencionar que a SD foi desenvolvida por meio de pesquisas, reflexões, análises e produções que foram fundamentadas teoricamente. Após os procedimentos de análise discursiva dos cartazes, houve, como produto final, um “*site*” desenvolvido pelos participantes, o qual abrange os diversificados cruzamentos de informação acerca do tema que refletiu a conjuntura temática do trabalho. O suporte discursivo pretende ser, e tem mostrado ser, efetivamente, um instrumento de engajar alunos e professores em um uso da *internet* voltado para o processo educacional, estimulando a pesquisa, o pensamento crítico, o desenvolvimento de professores, a produção de materiais e o protagonismo juvenil.

Em linhas gerais, o *site* partiu da definição de um tema e objetivos por parte do professor, com uma pesquisa inicial e disponibilização de “*links*” selecionados acerca do assunto, para consulta orientada dos alunos. Para o trabalho realizado em grupos, os alunos assumiram papéis diferentes, como o de “especialistas”, visando gerar trocas entre eles. Tanto o material inicial como os resultados foram publicados na *web*, por meios das páginas: “*Movimentos Sociais no Brasil*” e “*Análise Discursiva dos Cartazes*”⁴.

2.2 COLETA DE DADOS

Nas escolas estaduais e municipais do ensino básico de Juína, há uma grande preocupação em relação ao processo de ensino e aprendizagem dos educandos quanto às práticas de letramento da leitura e escrita. Comumente nos conselhos de classe participativos discute-se sobre o papel da família, da sociedade e da escola quanto ao papel social do aluno nas diversas esferas de atividade social e, assim, espera-se que haja um consenso quanto aos eventos e práticas

³ Disponível em:<<http://denisfarias.comunidades.net/>>.

⁴ Disponível em:<<http://denis40.comunidades.net/>>.

discursivas advindas do ensino fundamental no processo de autonomia e formação crítica com base em sua participação cultural, local e global. Visto que a terceira fase do terceiro ciclo é constantemente avaliada por metas e programas nacionais de competências linguísticas que enfatizam as práticas de leitura e escrita em consonância com o sujeito aluno e práticas docentes, além de ser uma fase transitória para o ensino médio.

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica visa à qualidade educacional em relação ao fluxo escolar e médias de desempenho nas avaliações nacionais, como a Prova Brasil, Saeb e outras que refletem dados negativos sobre a realidade dessas escolas e também o fracasso referente às matrizes do ensino fundamental e, conseqüentemente, do ensino médio. Em 2009, o índice do município de Juína foi de 4.3, e em 2011 houve um crescimento para 4.5; mesmo com esse aumento percentual, muitas escolas não alteraram seus dados em relação aos anos avaliados, como a Escola Estadual 21 de Abril que, tanto em 2009 quanto em 2011, teve um percentual de 4.4, estando acima da média nacional; porém, com uma taxa inferior as outras escolas do município.

Partindo da realidade desta escola que se situa em bairro periférico emergente com alunos provenientes das camadas mais carentes do município, conforme pensamentos e reflexões sobre perspectivas discursivas direcionadas à turma da terceira fase do terceiro ciclo, muitos não pretendem continuar seus estudos, sentem-se desmotivados e alienados das práticas e discursos de letramento. Cada vez mais os jovens distanciam-se do processo de leitura nos mais variados tipos e gêneros discursivos; isso se deve à parca leitura que se faz do próprio mundo, em uma análise discursiva, por meio dos mais diversos suportes de informações em nosso cotidiano, tais como: televisão, *internet*, jornais, revistas e outras mídias que se inserem nas demais esferas de atividade humana.

No processo ensino e aprendizagem, é essencial uma maior relação discursiva aos fatos do dia a dia e interação às diversas áreas do conhecimento, produzindo, assim, textos coerentes, claros e objetivos. No entanto, ainda se percebe no Ensino Fundamental uma grande dificuldade dos adolescentes em relacionar e expressar essas informações nos aspectos linguísticos e discursivos, como percebido nas produções escritas e orais de alguns educandos da terceira fase do terceiro ciclo de aprendizagem; assim, torna-se essencial um maior

aprofundamento das práticas de leitura com enfoque social, através dos diversos mecanismos de aquisição e aprendizagem, associando-os aos eventos de multiletramentos.

Diante dessa problemática, foi direcionado um projeto em forma de Sequência Didática: *A Linguagem dos Protestos - Uma análise discursiva dos cartazes das manifestações sociais brasileiras*, em virtude das mobilizações que ocorreram em junho, tema constante da mídia brasileira, do ano de 2013. Muitos desses discentes participaram desses protestos e, no protagonismo juvenil, poucos entenderam o que era requerido pela população em geral; alguns acharam interessante aquele montante de pessoas nas ruas; e muitos começaram a opinar sobre o acontecido, percebendo que, ainda não possuíam um processo de formação crítica quanto aos contextos sociais que os norteavam.

Desta forma, percebeu-se a real necessidade de desenvolver este projeto em parceria com a comunidade escolar, com o intuito de possibilitar ao educador melhorias em sua prática pedagógica e, assim, tornar suas aulas mais dinâmicas, criativas e interativas, tendo como sujeito o educando autônomo e agente transformador social.

2.3 INTERVENÇÃO E RESULTADOS

Sequência Didática (SD) uma proposta

1 Apresentação da situação

Com os manifestos sociais ocorridos no Brasil em junho de 2013, discussões tornaram-se frequentes nas mais diversas esferas sociais, principalmente a pedagógica, em que os alunos procuravam entender o motivo dessas mobilizações e qual a importância desses atos como forma de inovação e mudança social. Com questionamentos e indignações acerca da conjuntura política e social, fora proposto pelo professor e alunos da escola Estadual 21 de Abril, um projeto de intervenção em Sequência Didática que tivesse como proposta pedagógica a análise discursiva

dos cartazes das manifestações sociais brasileiras e sua relação ao contexto político em 2013.

Objetivo:

Analisar a linguagem dos cartazes apresentados nos manifestos sociais, por meio de Sequência Didática e teorias sobre movimentos sociais e análise do discurso.

Objetivos específicos:

Formar o leitor crítico, capaz de perceber os controles de que inevitavelmente é vítima na escola e na sociedade sem geral.

Contextualizar os cartazes em uma perspectiva intertextual e interdiscursiva.

Deslocar o tema dos cartazes para outras leituras que se cruzam, acoplando-as de forma a posicionar o leitor em sua totalidade.

Produzir gêneros discursivos em uma dimensão socializada/socializante.

Produção inicial (2 aulas)

Discussão sobre o documentário “Os gritos da rua”, disponível em <<http://www.joseferreira.com.br/blogs/sociologia/atividades-em-sala/os-gritos-da-rua-documentario-completo/>>. Acesso em: 15/03/2014.

Objetivo: Destacar as principais características dos movimentos de protestos ocorridos em junho de 2013 e relacionar aos contextos políticos do município de Juína.

Atividade 1- Quais os principais motivos que levaram a população a se mobilizar e protestar no mês de junho de 2013?

Atividade 2- Qual o gênero discursivo mais utilizado nas manifestações sociais de junho de 2013?

Atividade 3- Qual o papel das redes sociais nos manifestos que ocorreram no Brasil e mundo?

Atividade 4- Como você relaciona os protestos que ocorreram no Brasil em junho de 2013 aos que ocorreram em Juína?

Atividade 5- Que outros manifestos ocorreram no Brasil, antes dos que ocorreram no mês de junho de 2013?

Atividade 6- Qual a diferença entre movimentos e manifestos sociais?

Atividade 7- Existe alguma relação aos manifestos de 2013 e outros que ocorreram no Brasil e mundo? Justifique.

Módulos

Módulo 1 Estudo do gênero cartaz (4 aulas)

Assistir ao vídeo “Frases de protestos e manifestações no Brasil”

Objetivos:

Entender que os cartazes são porta-vozes de importantes movimentos políticos, culturais, estéticos e literários.

Compreender que os cartazes políticos, dependendo de sua ideologia, podem manipular, conscientizar, mobilizar e transformar toda uma sociedade.

Contextualizar o gênero cartaz aos contextos históricos aos quais estão inseridos.

Comparar os cartazes estéticos, de *design* gráfico aos dos manifestos sociais de 2013.

Atividade 1- Pesquisar e selecionar vários cartazes de diferentes períodos para análise da estrutura do gênero.

Atividade 2- Em grupo, por meio de slides, pontuar as principais características das manifestações sociais de junho de 2013 no Brasil.

Atividade 3- Que características dos cartazes estão presentes em nossa sociedade? Qual a relação do gênero aos movimentos de protestos?

Atividade 4- Por meio de pesquisa webgráfica, contextualizar o gênero cartaz aos principais períodos históricos aos quais está inserido e destacar sua importância aos movimentos políticos e culturais.

Atividade 5- Estabeleça comparações entre os cartazes estudados e os que foram utilizados em junho, nos manifestos sociais de 2013.

Módulo 2 O cartaz e os Manifestos Sociais (6 aulas)

Assistir ao vídeo “Movimentos Sociais”

Objetivos:

Compreender que os movimentos de protestos possuem uma relação de interdiscursividade aos manifestos sociais que ocorreram em junho de 2013.

Inferir, por meio de práticas intertextuais, hipertexto e multimodalidade da linguagem, os processos de leitura crítica, de acordo com a temática proposta.

Interpretar os principais movimentos sociais que ocorreram no Brasil antes dos manifestos de junho de 2013.

Entender a diferença entre movimentos e manifestos sociais.

Refletir sobre os contextos históricos aos quais os enunciados dos cartazes foram produzidos.

Analisar acerca das principais demandas reivindicadas pela população nesses movimentos sociais e seus resultados.

Atividade 1- Pesquisar e selecionar cartazes aos principais movimentos sociais que antecederam os manifestos sociais de junho de 2013.

Atividade 2- Qual a relação que se estabelece entre os enunciados dos cartazes e os movimentos aos quais estão inseridos?

Atividade 3- Compare os movimentos sociais estudados pelos enunciados dos cartazes aos dos manifestos sociais de junho de 2013.

Atividade 4- Quais as principais reivindicações vistas nos enunciados dos cartazes dos manifestos sociais de 2013.

Atividade 5- Após os estudos, como você analisa a diferença entre manifestos e movimentos sociais?

Atividade 6- Quais foram as principais reivindicações exigidas pelos manifestantes em Juína, conforme os enunciados dos cartazes?

Atividade 7- Estabeleça ligações entre os cartazes estudados e situe-os aos manifestos sociais de junho de 2013.

Módulo 3 Análise discursiva dos cartazes das manifestações sociais brasileiras (6 aulas)

Objetivos:

Contextualizar os cartazes dos manifestos sociais de junho de 2013 aos principais movimentos sociais que antecederam esses protestos.

Inferir, por meio de práticas intertextuais, hipertexto e multimodalidade da linguagem, os processos de leitura crítica, de acordo com a temática proposta.

Entender o movimento Passe-Livre e sua relação aos manifestos sociais.

Compreender a importância das redes sociais como forma de mobilização e integração social.

Interpretar os discursos que circularam socialmente durante os manifestos sociais brasileiros de junho de 2013.

Analisar os cartazes selecionados à conjuntura política e social no Brasil em junho de 2013.

Relacionar as diversas formas de linguagem que foram inscritas nesses manifestos sociais.

Situar os diversos discursos que permearam outros discursos nesses manifestos.

Atividade 1- Pesquisem e selecionem, conforme procedimentos de análise, cinco cartazes para seleção da análise discursiva.

Atividade 2- Selecionem um cartaz, para cada grupo, e iniciem o trabalho de interpretação.

Atividade 3- Contextualizem os enunciados dos cartazes aos discursos em que estão inseridos.

Atividade 4- Estabeleçam ligações das imagens aos enunciados dos cartazes.

Atividade 5- Qual a relação desses enunciados às particularidades sociais do município de Juína?

Atividade 6- Em sua opinião, os jovens tiveram um papel fundamental nos manifestos sociais de junho de 2013?

Atividade 7- Como você analisa o Brasil durante os manifestos de junho de 2013 e que motivos levaram a população às ruas?

Atividade 8- produzam artigos de opinião, para posterior publicação no *site*.

Produto Final

Após os procedimentos de análise discursiva dos cartazes, haverá um momento de socialização de ideias e a publicação do trabalho se dará por meio de ambiente virtual, um suporte de gêneros discursivos criado e desenvolvido pelos participantes, de forma a abranger todo o trabalho da sequência didática, além dos diversificados cruzamentos de informação acerca do tema que refletirá a sequência do trabalho.

Relatório do projeto de intervenção “A linguagem dos protestos: uma proposta pedagógica de sequência didática por meio da análise discursiva dos cartazes das manifestações sociais brasileiras”

Produção inicial

Como proposta inicial, os alunos da 3ª fase do 3º ciclo “A” assistiram ao documentário *Os gritos da rua*⁵. O documentário descreve, por meio de diversas manifestações, o descontentamento generalizado da população demonstrado em junho de 2013 por todo Brasil. Ganhador do prêmio Mostra Curta Cambury - 2013,

⁵ Disponível em: <<http://www.joseferreira.com.br/blogs/sociologia/atividades-em-sala/os-gritos-da-rua-documentario-completo/>>. Acesso em: 26/06/2014.

por destacar momentos de efervescência social, em que a população, por meio das redes sociais, sai às ruas para reivindicar demandas e direitos legitimados.

Após a exibição do vídeo, fora proposta uma discussão acerca dos segmentos apresentados nas imagens; assim, evidenciou-se entre os educandos uma breve fomentação teórica a respeito dos principais movimentos sociais no Brasil e sua relação com os manifestos sociais de 2013. Nos questionamentos fora colocado que as ruas brasileiras foram ocupadas por milhares de pessoas – em sua maioria jovens – expressando descontentamento perante a realidade brasileira e, como visto nas imagens, em vez das faixas com as reivindicações organizadas, como percebidas em movimentos anteriores, muitos carregavam cartazes, registrando suas demandas individuais, raiva e criatividade.

Muitos gêneros são destacados e observados na mídia impressa digital e virtual, além dos suportes utilizados para a veiculação de sentidos. Nos protestos de junho de 2013, o gênero que se destacou foi o cartaz, improvisado do tipo “feito em casa”, fruto de manifestações não lideradas, oriundas de redes sociais. Os educandos, em sua maioria, destacaram a importância dos enunciados vistos nos cartazes e divulgados pela mídia, tanto nos protestos realizado em Juína como nos de âmbito nacional. Percebeu-se, conforme os discentes, que grande parte dos cartazes produzidos no município foi inspirado nos das grandes capitais, principalmente dos manifestos ocorridos na região sudeste; assim, destacou-se a influência da região sul e sudeste no contexto sociopolítico nacional, motivador dos protestos em outras regiões brasileiras.

Como mediador, destaquei que o gênero cartaz está relacionado à sociedade urbana, um componente estético de nosso ambiente. “Ele é talvez uma das aberturas próximas de uma arte não alienada, inserida na vida cotidiana, próxima e espontânea” (MOLES, 2004, p. 15).

Percebe-se que o gênero cartaz insere-se neste contexto de produção e recepção relacionado ao cotidiano e, por isso, pertinente enquanto gênero criador de sentidos a ser trabalhado na escola. Neste ponto, o estudo acerca do gênero cartaz foi o foco da Sequência Didática, visto que toda a temática se relaciona aos elementos visuais e discursivos.

A princípio, o vídeo evidencia, nos primeiros minutos, o período da Ditadura Militar, preponderantemente quanto aos Movimentos de 1968 em que os estudantes saíram às ruas para protestar sobre os ditames do Regime Militar. Esse fato e outros foram discutidos como antecedentes do atual cenário político do Brasil, além das influências do mundo globalizado e dos movimentos que eclodiram em outros continentes e que perpassaram o contexto nacional.

A discussão generalizou-se com vagas lembranças do período Militar e do governo Collor, em que resquícios negativos foram perpassados por seus pais, quanto ao confisco da poupança; indicaram, também, uma situação negativa em relação ao poder vigente em nosso país.

Neste ponto da discussão, por meio de conhecimentos prévios, fora destacado que as manifestações sociais não são novidades, pois o país tem tradição de protestos de rua, inclusive em momentos difíceis. A República de 1946 foi marcada por manifestos rotineiros, com preponderância das esquerdas, mas com a presença da direita em alguns momentos. Mesmo após o golpe de 1964, grande parte das esquerdas não abandonou as ruas, mesmo em condições bem duras. As manifestações só param em 1968, quando o terrorismo do Estado ganha enorme intensidade. Depois vem a ampla ocupação das ruas durante as “Diretas já” e o “Fora Collor” no início da década de 1990. Os diálogos foram bastante proveitosos, porém, percebeu-se a necessidade de um estudo mais criterioso sobre o tema.

Outro fato observado pelos alunos foi que, nas manifestações de junho, tanto em Juína como no Brasil, em parte, caíram no chamado “oba-oba”. Alguns refletiram que muitos manifestantes foram às ruas por “diversão” e por terem participado pela primeira vez de atos de protestos, ocupando um espaço público para promover reivindicações. A partir destas afirmações, houve uma complementação dos estudos com a análise do gênero enquete, por meio de pesquisa realizada no *site* de notícias no município de Juína, e foi constatado, pelos discentes, que 65% das pessoas que responderam ao inquérito não acreditariam em mudanças no cenário político-social brasileiro após as manifestações de junho. Outros 35% acreditaram em mudanças no cenário nacional.

Em relação à pesquisa, os educandos constataram que o nível de conscientização da população ainda é limitado, pois é sempre atravessado por paixões, crenças e alienações. O próprio indivíduo, para compreender com clareza

seus desígnios, tem sérias limitações. Além de aprofundamento histórico acerca dos movimentos sociais no Brasil, fundamentalmente em relação aos manifestos sociais de junho de 2013, percebemos que, durante as discussões, que seria necessário um estudo sobre análise do discurso, enfatizando o contexto histórico dos cartazes a serem analisados. Muitos discentes não conseguiram estabelecer uma relação entre o gênero e o discurso; assim, houve a necessidade de se trabalhar a análise discursiva dos cartazes dos manifestos sociais, no Brasil, por meio de módulos.

Módulos

Módulo 1 – estudo do gênero cartaz

Para apresentação deste módulo, discutiu-se acerca da importância do gênero nos manifestos sociais de junho de 2013, com predominância dos cartazes improvisados, aqueles “feitos em casa”, que enfatiza o momento histórico descrito, o da rapidez, da integração e interação às redes sociais. Em seguida, foi apresentado o vídeo *Frases de protestos e manifestações no Brasil*⁶. As imagens comprovaram que o gênero mais utilizado como forma de reivindicação perante as demandas sociais fora o cartaz de protesto, situando-os como uma forma de expressar as demandas e reivindicações populares. O aluno “A” destacou que não participou dos protestos realizados em Juína, mas, como observador, analisou que houve poucas faixas e um montante de cartazes que priorizaram as temáticas da educação, da saúde e da política.

A seguir, por meio de *slides*, foram apresentados os principais pontos referentes aos manifestos sociais de junho de 2013, e a reflexão se deu quanto ao esclarecimento de que essa onda de protestos se alastrou em todos os sentidos no âmbito social. Os educandos refletiram que, em sua história de vida, não tinham participado, efetivamente, de nenhum manifesto social que abrangesse toda a nação, como poucas vezes se viu na história. Alguns discentes comentaram que se sentiram orgulhosos em participar de um momento histórico e de cidadania, ao discutir temas tão importantes para o país.

⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nGRnlzhL1s>>. Acesso em: 03/07/2014.

No segundo *slide*, percebeu-se que os motivos que fizeram milhões de pessoas, na maioria jovens, tomarem as ruas de várias cidades para reivindicar demandas sociais, ainda era algo a ser explorado. O aluno “A” explica que a princípio, os protestos, surgiram como forma de contestar os aumentos nas tarifas de transporte público, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, mas que ganharam forte apoio popular depois da repressão violenta e desproporcional que foi promovida pelas policiais militares estaduais contra as passeatas. Outro comentário partiu da aluna “B”, enfatizando que após esses atos, grande parte da população começou a apoiar as mobilizações e atos semelhantes, rapidamente, começaram a se proliferar em diversas cidades do Brasil e do exterior em apoio aos protestos, passando a abranger uma grande variedade de temas, como os gastos públicos em grandes eventos esportivos internacionais, cura gay, aborto, a má qualidade dos serviços públicos e a indignação com a corrupção política em geral.

Após a apresentação dos slides, salientamos que a análise dos cartazes seria de suma importância para o trabalho de SD, conforme estudo da obra *O cartaz (2004)*, de Abraham Antoine Moles, destaquei que nossa ênfase seria aos cartazes contemporâneos, o da sociedade urbana, da paisagem urbana, que constituem o ambiente de 90% dos cidadãos consumidores. Afirmei, conforme Moles (2004), que vivemos em um mundo de imagens: a fotografia, o jornal, o cartaz, o cinema, a televisão, que seriam os elementos motores do mundo exterior, que constitui a cultura: o ambiente artificial construído pelo homem. O aluno “C” destacou que o cartaz não está presente apenas no mundo real, mas em todo um contexto virtual.

Em sequência, analisamos que os cartazes pertencem à categoria das imagens comentadas, isto é, aquelas cujo sentido se constrói tão somente por intermédio de uma palavra ou de um texto escrito, muitas vezes sumário, mas onde o binômio “imagem + seu comentário” é indissociável. Além de que a situação de cartaz como mensagem da sociedade ao indivíduo não é estática; pela sua repetição em múltiplas cópias postas em diferentes lugares. O aluno “C” reafirmou que no campo virtual, o gênero torna-se inovador e atemporal, complementei que, depende, claro, do interesse do internauta em avaliar os cartazes postados que disponibilizam acesso cultural nos mais variados momentos históricos. Hoje, temos acessos a cartazes que variam desde o século XIX aos dias atuais.

Como complementação aos estudos sobre o gênero, propomos uma pesquisa em grupos sobre o cartaz e sua relevância para o processo evolutivo da humanidade, registrando mudanças, inquietudes e expressão de diferentes correntes de ideias e pensamentos. Por meio das percepções discentes, o relatório de intervenção foi baseado.

O primeiro grupo, por meio do site “*Desmoblog*”⁷, apresentou suas conclusões a respeito da temática e sintetizou os pontos principais.

Neste aspecto, foi discutido pelo grupo que os cartazes são porta-vozes de importantes movimentos políticos e sociais da história, com o poder da comunicação imediata e impactante, o que faz com que sejam utilizados até os dias atuais.

Na pesquisa, foi conceituado pelos discentes que os primeiros cartazes foram desenvolvidos no século X, por meio de xilogravuras. Houve a contribuição de outros discentes em destacar a importância da xilogravura na literatura de cordel, e, a aluna “B” complementou que seus pais são naturais de Pernambuco e que sempre liam esse “tipo” de literatura.

Um aspecto interessante da apresentação se deu quanto ao processo de inovação do cartaz, a partir do final do século XIX, em que artistas plásticos reuniam textos e ilustrações em uma folha de papel, atingindo o auge em 1880. Muito importante esse momento, pois identificaram que o cartaz era visto como uma obra de arte e compararam aos que foram às ruas pela população, de forma rudimentar e simplista.

O segundo grupo, por meio do site *Desmoblog*, destacou que, no início do século XX, o *design* Russo influenciou fortemente a evolução do cartaz europeu, estando intimamente relacionado à propaganda do governo soviético, trazendo mensagens de patriotismo, igualdade e vitória.

O entendimento se deu, quanto ao uso do cartaz, como forma de divulgar interesses políticos e escamotear a realidade social. O aluno “B” enfatizou que vários países usaram desse gênero para propagar suas mensagens patrióticas, comum nos períodos de guerra, que inferiu aos estudos do próximo grupo.

⁷ Disponível em: <<http://www.desmobilia.com.br/blog/historia-em-cartaz/>>. Acesso em: 04/07/2014.

O terceiro grupo discorreu sobre a importância dos cartazes durante a Segunda Guerra Mundial, ao deixarem de anunciar produtos para promover os esforços de guerra, por meio do apelo ao recrutamento ou veiculação de informações. Outro ponto verificado, foi que, nos dias atuais, o computador tem um papel cada vez mais importante na criação de cartazes e os transformou em veículos extremamente democráticos, que evoluem à velocidade da tecnologia digital. Desta forma expuseram imagens de cartazes que retrataram o período de guerra à contemporaneidade.

Com as apresentações, os discentes refletiram sobre a importância do estudo do gênero cartaz e sua representatividade aos conceitos culturais e históricos, fomentando ideias e movimentos. Perceberam que além de servir como forma de ilustração, suas imagens focalizam a interação social, com uma carga de persuasão e formação integradora. Dependendo do objetivo, poderia ser um gênero que manipularia a população mas, também, conscientizaria a respeito de formação identitária e social.

Outras características foram salientadas durante as apresentações, tais como frases curtas e texto reduzido, a necessidade de ilustrações, por sua importância como elementos de comunicação em movimento, tão perceptível nos cartazes dos movimentos sociais de junho de 2013, cuja mobilidade se caracteriza pela ausência de ilustrações.

Concluído o primeiro módulo, em consonância com o objetivo do trabalho, decidimos ampliar o estudo sobre o cartaz e sua relação aos manifestos sociais, por meio de pesquisas que refletiram os principais manifestos sociais ocorridos no Brasil, nas últimas décadas.

Módulo 2 O cartaz e os Manifestos Sociais

A proposta desse módulo teve como objetivo o entendimento dos principais movimentos sociais que antecederam os protestos de junho de 2013, assim, os

educandos teriam a base para o contexto histórico do módulo seguinte. Em primeiro momento, assistimos ao vídeo “*Movimentos Sociais*”⁸.

Após a exibição do vídeo, os alunos perceberam que muitos manifestos fazem parte da história de nosso país, com destaque a Guerra de Canudos, pois fora um assunto abordado em outra disciplina, outro ponto observado por alguns, decorreu dos motivos pelos quais a população saiu às ruas para realizar esses protestos. Como sequência ao trabalho desenvolvido, estabeleceu-se uma pesquisa a respeito dos principais movimentos sociais ocorridos no Brasil que antecederam os manifestos sociais de junho de 2013. Para esse ponto, criamos um *site* denominado “Movimentos Sociais no Brasil”, que serviu de interação à temática do módulo. O objetivo deste suporte de gêneros estaria relacionado ao interdiscurso.

Em seguida, por meio de pesquisa em grupo, os alunos selecionaram alguns cartazes que se contextualizaram a três movimentos que foram de suma importância para a sociedade contemporânea brasileira, por destacar momentos de censura, terror e cerceamento social. Por meio de pesquisas, indicação de livros e *sites* relacionados ao tema, as atividades foram apresentadas e discutidas com o objetivo de aprofundar o módulo posterior, o qual seria a análise dos cartazes dos manifestos sociais de junho de 2013.

Resultados apresentados pelos alunos

Após a seleção dos cartazes, decidimos a ordem de apresentação e o uso de mídia eletrônica para visualização do objeto, alguns apontamentos seriam anotados pelos demais, para posterior discussão e reflexão.

O primeiro grupo expôs sua análise por meio do cartaz “A UNE somos nós! Abaixo a Repressão”, abaixo ilustrado.

⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bkbz5ryzy>>. Acesso em: 04/07/2014.

Figura 1- Ditadura Militar no Brasil.



Fonte: Blog professora Isabel Aguiar.

Na discussão do grupo, com a mediação do professor, foi interpretado o cartaz de forma a observar que no fim da década de 1950, o movimento estudantil começara a crescer com a criação de faculdades e universidades. Assim, observou-se que, num país em desenvolvimento, o acesso ao ensino superior passa a ser condição para acelerar o processo de modernização e caminhos para a mobilidade e ascensão social.

Como reflexão, salientamos, por meio de estudos prévios, que a expansão do ensino superior resultou em um aumento progressivo da oferta de vagas, que foram preenchidas por jovens provenientes, sobretudo, das camadas médias da sociedade; coincidindo com o crescimento e a consolidação de novas correntes políticas no meio universitário, como as de esquerda que foram bem-sucedidas ao canalizarem a crescente insatisfação da massa jovem diante das deficiências e problemas do sistema de ensino superior.

Os educandos, a partir desses dados, refletiram sobre a importância em se cursar o ensino médio e, principalmente, o nível superior, como forma do processo de conscientização identitária e de participação sócio-política. Analisaram o quanto fora importante os ideais revolucionários da juventude brasileira do século passado e uma participação política engajadora.

Acrescentei que, o golpe militar de 1964 causou uma grande repercussão no movimento estudantil. A influência das correntes políticas de esquerda levou as autoridades militares a reprimirem as lideranças estudantis e desarticularem as principais organizações representativas. Primeiramente, a UNE (União Nacional dos Estudantes) foi posta na ilegalidade e depois as UEEs (Unões Estaduais dos Estudantes) e os DCEs (Diretórios Centrais Estudantis).

⁹ Disponível em: <<http://profisabelaguiar.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 15/08/2014.

Diante desses fatos, o grupo interpretou o cartaz como expressão das constantes tentativas das lideranças estudantis de retomarem o controle das organizações, o que foi o principal fator a desencadear novas ondas de repressão política. Tendo bom aproveitamento, o grupo se apropriou de pesquisas históricas sobre a temática e soube relacionar, por meio das pesquisas, o enunciado do cartaz ao contexto histórico adequado.

Após conclusão da análise do primeiro cartaz, o segundo grupo interpretou o cartaz “Nós precisamos votar para presidente”, abaixo ilustrado.

Foto 2 - Wilson Avelar abre exposição com fotografias das “Diretas Já”



Fonte: Focus – escola de fotografia.¹⁰

Por meio de pesquisas e mediação docente, a análise do cartaz discorreu sobre uma importante mobilização social no Brasil, denominado “Diretas Já”, que foi um movimento político democrático com grande participação popular que ocorreu no ano de 1984. Os manifestos eram favoráveis e apoiavam a emenda do deputado Dante de Oliveira que restabeleceria as eleições diretas para presidente da República no Brasil.

Com o cartaz “*Nós precisamos votar para presidente*” o grupo destacou que, com o Regime Militar, desde 1964, a última eleição direta para presidente fora em 1960. Durante esse movimento ocorreram diversas manifestações populares em muitas cidades brasileiras como, por exemplo, passeatas e comícios. Estes eventos populares contaram com a participação de milhares de brasileiros, entre eles, políticos, intelectuais, escritores, artistas, dentre outros. Desta forma, os alunos, compararam esses manifestos aos ocorridos em junho de 2013, quanto à participação de milhares de pessoas, dentre ela, os jovens. O grupo estabeleceu uma ligação com o outro cartaz em uma relação interdiscursiva por destacar focos

¹⁰ Disponível em: < <http://focusfoto.com.br/wilson-avelar-abre-exposicao-com-fotografias-das-diretas-ja/>>. Acesso em: 15/08/2014.

de mobilização e insatisfação social, demonstrado pela população, representada em sua maioria por jovens e adultos e também por relacionar o período da Ditadura Militar, a qual já estava com seus dias contados.

A discussão foi bastante proveitosa, pois houve uma reflexão sobre os discursos que circulam pela sociedade, estabelecendo, assim, uma relação intertextual e interdiscursiva¹¹ entre os cartazes. Os alunos destacaram que os fatos históricos estavam relacionados a outros, e que, por meio dos cartazes, puderam entender melhor os manifestos ocorridos no Brasil.

Por meio das análises anteriores, o terceiro grupo refletiu sobre os manifestos brasileiros do início dos anos de 1990, interpretando o cartaz “Fora Collor Já”:

Foto 3 – Movimento Caras-pintadas.



Fonte: Blog bp3.

Com pesquisas, os discentes perceberam que o cartaz refletiu o movimento dos "caras-pintadas" do início da década de 1990, que consistiu em multidões de jovens, adolescentes em sua maioria, que saíram às ruas de todo o país com os rostos pintados em protesto devido aos acontecimentos políticos e econômicos que vinham abalando o governo do então presidente Fernando Collor de Mello. A partir desse contexto, o grupo expôs que, em meio a todos os clamores dessa participação popular, a mídia e a opinião pública foram de fundamental importância para esses manifestos, pois reviviam intensamente os momentos de luta pela democracia no país. Assim, os discentes relacionaram os outros cartazes analisados às mobilizações sociais dos anos de 1990.

¹¹ A intertextualidade pressupõe um universo cultural muito amplo e complexo, pois implica a identificação / o reconhecimento de remissões a obras ou a textos / trechos mais, ou menos conhecidos, além de exigir do interlocutor a capacidade de interpretar a função daquela citação ou alusão em questão.

A interdiscursividade, este é um conceito proposto por Mikhail Bakhtin sobre a relação que um texto (discurso) tem com outros textos (outros discursos). A interdiscursividade é o caráter principal do texto, já que para Bakhtin todo texto é atravessado por um outro, ou outros anteriores. Isto é, o texto sempre "fala" o que já foi falado (escrito, expresso). Para o linguista russo, portanto, nenhum discurso tem total originalidade.

¹² Disponível em: <<http://bp3.blogger.com/Fora+Collor+-+Cartaz.gif>>. Acesso em 16/08/2014.

Com a interpretação do cartaz, o grupo observou que a imagem dos estudantes conscientes, desafiadores e rebeldes dos anos de 1960 efervesceu na cabeça da população naquele momento, resgatada pela mídia. Assim, os carapintadas saíram às ruas, mas vestindo-se e pintando-se de preto, em um repúdio ao pronunciamento do então presidente Collor, que pedira à população brasileira que saísse de verde e amarelo às ruas em apoio ao seu governo. Outro detalhe percebido pelos alunos está relacionado ao advérbio “já” no cartaz “Fora Collor já”, que situa o “já dito” em uma formação discursiva que remete ao movimento “Diretas Já”. Neste momento, os alunos refletiram que a população ansiava por mudanças político-sociais semelhantes aquelas percebidas nas análises anteriores ao desejar pôr fim a um governo corrupto e redefinir a democracia brasileira.

Por tudo que fora analisado nesse módulo, o estudo e análise dos cartazes dos movimentos que antecederam os protestos de 2013 foram de fundamental importância, pois os discentes puderam estabelecer, criticamente, relações interdiscursivas entre os manifestos anteriores ao de junho de 2013, tema do próximo módulo.

Módulo 3 Análise das características discursivas dos cartazes das manifestações sociais brasileiras de junho de 2013

Neste módulo foram selecionados três cartazes para a análise discursiva das manifestações sociais brasileiras de junho de 2013, com o objetivo de inferir, por meio de práticas intertextuais, hipertexto e multimodalidade da linguagem, os processos de leitura crítica, de acordo com a temática proposta. Assim, os cartazes foram contextualizados em uma perspectiva intertextual e interdiscursiva.

Em diálogo com os alunos, foi proposta uma análise dos cartazes que fizeram parte dos manifestos sociais de junho de 2013. Ficou combinado que seriam observados vários dos cartazes em âmbito nacional. Cada grupo estava responsável por apresentar 5 cartazes para a escolha de um. Como foram três grupos com 6 alunos, totalizaram-se 15 cartazes. Para o processo de escolha, foi definido que:

- O cartaz deveria estar relacionado a um fato contemporâneo que destacasse não só o local, mas toda a esfera nacional;

- A capacidade do cartaz de sensibilizar e formar o ator/agente crítico;
- O cartaz deveria apresentar retórica inserida em outras mobilizações sociais e também refletir demandas populares.
- A partir da análise discursiva, os resultados seriam divulgados em ambiente virtual, no site <http://denis40.comunidades.net/>.

Assim, após a formação dos grupos, cada um ficou responsável por selecionar cinco cartazes para que se pudesse escolher um; assim, dos quinze cartazes, apenas três foram selecionados para a análise discursiva. Os alunos preferiram realizar esta etapa em outras esferas de atividade, pois teriam mais tempo para elaborar as telas de apresentação. O prazo estabelecido foi de uma semana. Na apresentação dos slides, foram discutidas as imagens que seriam selecionadas para análise discursiva dos cartazes conforme os critérios definidos:

Grupo A: cartaz – “Saímos do facebook”

Grupo B: cartaz – “Deseja formatar o país? Ok/cancelar”

Grupo C: cartaz – “Queremos escolas padrão Fifa”

Após a seleção dos cartazes para cada grupo, ficou combinado que ampliariam o nível de análise com pesquisas mais aprofundadas e cruzamento de textos. O educador teria o papel de orientar e mediar o processo de pesquisas e referências textuais. Como introdução das atividades, alguns pontos foram discutidos com os discentes a respeito do contexto dos manifestos sociais de junho de 2013. Como primeiro ponto, verificamos que durante esse período no Brasil ocorreu o Movimento Passe Livre, que era contra o aumento do transporte público. Primeiramente ele ocorreu em Porto Alegre, para depois ganhar as ruas de São Paulo e outras capitais que nada tinham feito contra o reajuste da mesma natureza, ocorrido meses antes. Os alunos refletiram que é um direito de todo cidadão lutar por melhorias e mudanças nos mais diversos setores sociais, como: educação, saúde, saneamento básico e transporte. Os protestos foram vistos, pelos educandos, como uma forma de organização em que se reúnem várias pessoas com objetivos em comum. Indagaram que “se o transporte é público, por que temos que pagar?”; “Pagamos impostos, nosso dinheiro já está inserido nos serviços públicos”; “Serviço público, pagamos caro e de má qualidade”; e concluíram que os

manifestos, realmente, deveriam acontecer e que gostariam de ter participado efetivamente.

Outro ponto analisado referiu-se aos contatos via redes sociais, que transmitiram inúmeros descontentamentos com temáticas variadas: os gastos com a Copa de 2014, em detrimento das urgentes necessidades enfrentadas pelo povo brasileiro; a corrupção; a impunidade; a concentração de rendas; entre outras insatisfações há muito reprimidas e que não encontravam um canal de expressão. Os protestos ocorreram nas mais diferentes cidades brasileiras, com todo o tipo de público, desde estudantes a idosos, englobando as mais distintas classes sociais. Outras demandas foram salientadas pelos educandos; porém, a maioria não tinha experiência com manifestos e quais eram os seus objetivos, pois era algo que eclodira naquele momento e eles não tinham conhecimento sobre seus reais motivos.

O próximo ponto procurou justificar o motivo dessas mobilizações que, assim, puderam ser compreendidas pelos discentes, como a eclosão da crescente onda de insatisfação gestada progressivamente nos últimos anos. A despeito do relativo aumento de renda em parte dos setores de desfavorecidos da sociedade brasileira por meio das políticas de fomento de renda, como, por exemplo, o programa “Bolsa Família”, houve aqueles que permaneceram excluídos desse processo, e ganharam mais um elemento de reivindicação. Questionamos sobre a importância do “espaço público”, e os alunos perceberam que as ruas se tornaram o local privilegiado para estabelecer os protestos, especialmente os lugares que simbolizam o poder político, apontando para o entendimento de que, se não é possível negociar com o constante processo de marginalização, faz-se necessário ocupar e invadir espaços para, então, ser ouvido. Nos últimos cinco anos, no Brasil e no mundo ocorreram vários manifestos sociais¹³.

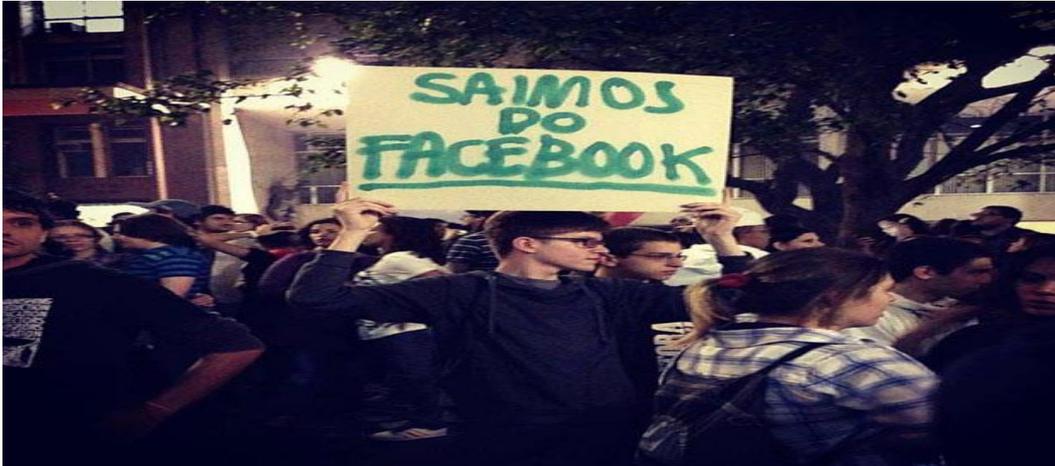
Após esses apontamentos, houve um maior entendimento dos fatos que antecederam e contextualizaram os protestos que ocorreram no Brasil em junho de 2013; assim, o próximo passo do estudo se deu com a análise discursiva dos cartazes.

¹³ Os principais fatos e movimentos sociais que abrangeram os últimos cinco anos no Brasil e mundo foram Células Neonazistas, Movimento “Ocupem Wall Street”, Primavera Árabe e Manifestações Urbanas Brasileiras Contemporâneas (Movimento Passe Livre, Manifestações de Junho de 2013 e mobilizações pós-junho de 2013).

Resultado das análises discursivas dos cartazes selecionados

O grupo “A” iniciou sua interpretação com o cartaz “Saímos do facebook”:

Foto 4 - Manifesto em São Paulo – 13/06/2013



14

Fonte: Inclusive: inclusão e cidadania.

O primeiro grupo iniciou a análise discursiva do cartaz, destacando a retórica textual no enunciado “Saímos do Facebook”. Em sua interpretação, os alunos relacionaram a foto ao enunciado do cartaz; assim, na imagem vê-se um jovem vestido de preto, que segura o cartaz e direciona sua vista para frente, ou seja, para a possibilidade da luta, do enfrentamento, além da decisão de mudar o país. Outro aspecto observado foi o cromatismo das letras: o verde e amarelo, que representam a esperança, o alvorecer de uma nova realidade, em contraposição ao preto da vestimenta do jovem, que significa o luto pela situação precária do país.

Na sequência, houve a observação de que o estopim dos protestos em São Paulo foi o aumento da tarifa de ônibus, metrô e trens urbanos de R\$ 3,00 para R\$ 3,20, em 1º de junho de 2013. Quando as manifestações paulistanas começaram, já haviam ocorrido protestos em Natal (RN), Goiânia (GO) e Porto Alegre (RS) e, nesta última, conseguiu-se a redução da tarifa. Com o trecho de uma pesquisa realizada, o aluno “A” salienta que, após o anúncio do aumento, aconteceram vários protestos em bairros, até a primeira manifestação chamada “Movimento Passe Livre” (MPL) em 6 de junho, no centro de São Paulo. Nos dias 7 e 11, houve novos atos reunindo milhares de pessoas. A principal reivindicação: revogação do aumento da tarifa.

¹⁴ Disponível em: <<http://www.inclusive.org.br/>>. Acesso em: 25/09/2014.

Em consenso, refletimos que essas mobilizações adquiriram, nesses eventos, um caráter de movimento de massa, de protesto, de revolta coletiva, aglutinando a indignação de diferentes classes e camadas sociais, predominando a classe média propriamente dita em diferentes faixas etárias, destacando-se os jovens. O cartaz, com seus dizeres, reflete essa ideia de que a maioria das pessoas que estavam nos protestos eram jovens da classe social média e alta.

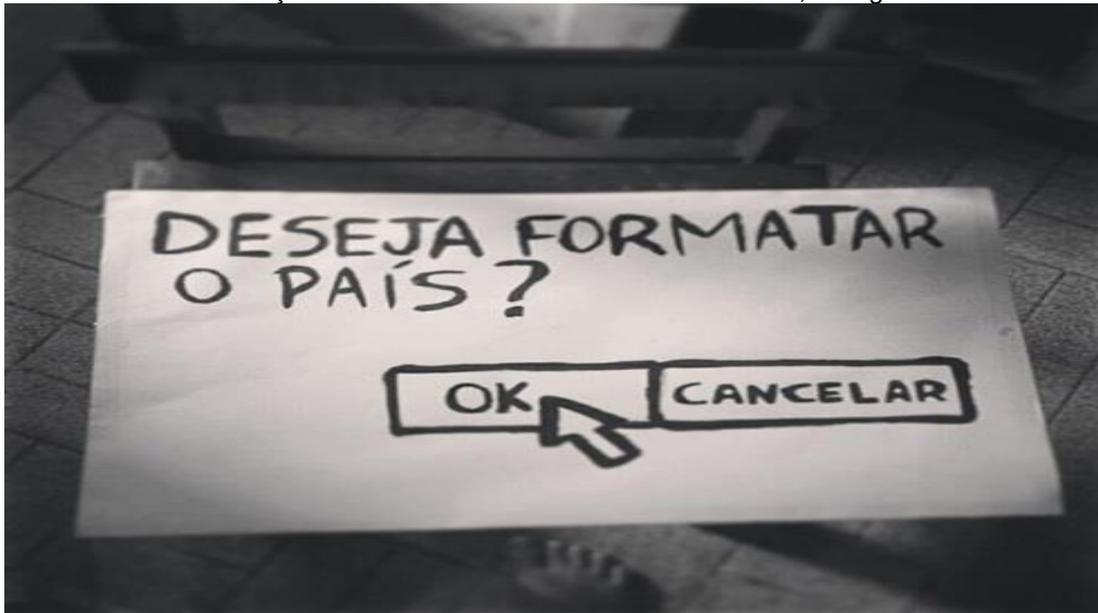
Outro ponto discutido foi a indignação com a violência que se espalhou por setores da sociedade como um choque elétrico. Os alunos, com faixa etária entre 13 a 15 anos, pertencentes à era digital e virtual, observaram que as redes sociais, como o Facebook e o Twitter, foram as principais ferramentas para a convocação dos atos que potencializaram a revolta. Muita gente que não se sensibilizara com o aumento do preço do transporte, desta vez, foi à rua. Assim percebeu-se que o enunciado “Saímos do facebook” não poderia ser concebido em uma análise superficial, posto que o processo de construção da interpretação só seria efetivo caso tivessem conhecimentos intertextuais sobre o assunto. Neste momento, perceberam a relação entre o momento histórico e seus antecedentes, além da importância das redes sociais.

Também foi observado pelo grupo que, na foto, o jovem é o único entre os demais que segura um cartaz com determinação e afinco, e que no cartaz “Saímos do facebook”, o verbo “sair” corresponde ao significado de “reagir”, “deixar a ociosidade”, “ir à rua”, ou seja, os jovens foram às ruas participar das mobilizações sociais, deixaram suas casas, seu ambiente virtual e foram lutar por questões de direito.

Em conclusão, destacou-se que o enunciado “Saímos do *facebook*” faz parte do contexto histórico ocorrido em junho de 2013, quando as ruas brasileiras foram invadidas por milhares de pessoas – em sua maioria, jovens – expressando um descontentamento profundo com os rumos do país. Em vez das faixas com as reivindicações organizadas de segmentos sociais, muitos manifestantes carregavam cartazes, registrando suas demandas pessoais, sua raiva, sua criatividade, com o ímpeto de sair às ruas, atizados pelo “Movimento Passe Livre”, para pedirem mudanças e criticarem os governantes.

Após a conclusão do primeiro grupo, o grupo “B” iniciou sua apresentação com a análise discursiva do cartaz “Deseja formatar o país? Ok/cancelar”:

Foto 5 - Manifestações Brasil 2013: Os cartazes mais criativos, inteligentes e exóticos



15

Fonte: EitaPiúla.net

Em continuidade, o grupo 2 contextualizou o cartaz “Deseja formatar o país? Ok/cancelar”, por meio do processo histórico contemporâneo do Brasil. Discutiu-se que o enunciado desse cartaz representa a imagem de uma consulta popular na forma de plebiscito. O grupo salientou sobre a escolha entre o “ok” (sim) e o cancelar, mas sem a possibilidade da escolha do “não”, representando, assim, uma direção única, já que a seta está direcionada para o “ok”. Quem exige essa resposta é a população, provavelmente, sem convicção política e partidária. Na sequência, observou-se que o cartaz tinha como suporte papel cartolina, no qual se identificou o cromatismo em preto e branco, representando o luto devido aos aspectos negativos referentes à situação do país naquele período. O branco representava o desejo de tranquilidade e serenidade. Na análise, os alunos observaram que o momento seria de luta, revolução e transformação, com o objetivo de mudanças para toda a população brasileira. O espaço da foto estaria situado em um ambiente fechado, provavelmente na casa onde foi escrito o gênero, demonstrando a simplicidade e humildade do brasileiro, a qual se encontra em consonância com o desejo de mudanças ao direcionar a seta para o “ok” no cartaz através de uma linguagem mais informal. Durante a discussão, destacou-se que após os primeiros atos de manifestos no Brasil, em junho de 2013, as autoridades, em todos os níveis,

¹⁵ Disponível em: <<http://www.eitapiula.com.br/eitapiulanet/manifestacoes-brasil-2013-os-cartazes-mais-criativos-inteligentes-e-exoticos/>>. Acesso em: 25/09/2014.

sentiram-se pressionadas. Outro questionamento analisado pelo grupo foi quanto a grande distância entre as ruas e o poder público, pois, se em uma democracia o poder emana do povo, os governos deveriam refletir a vontade popular.

Com uso de *slides*, os alunos destacaram que, em 24 de junho, a presidente Dilma Rousseff propôs a governadores e prefeitos “cinco pactos”, tratando da educação (destinação dos recursos da exploração de petróleo), saúde (mais investimentos na estrutura e contratação de médicos estrangeiros), transporte urbano (mais metrô e ônibus), além de um compromisso de respeito ao teto dos orçamentos públicos, com vistas a manter o controle da inflação. Neste sentido, salientaram que o quinto ponto, porém, chamou a atenção: um plebiscito popular para instituir uma Constituinte exclusiva para fazer a reforma política. A lógica seria: se a população não confia em seus atuais representantes no Congresso Nacional, teria a possibilidade de eleger outros especificamente para reformar as instituições nacionais. Com esses dados, os alunos perceberam que, os protestos que ecoaram por todo o Brasil refletiram na política brasileira, por meio da pressão popular, nossos governantes decidiram recuar alguns projetos e aprovar outros, mesmo que houvesse um sentido de escamotear e apaziguar os ânimos populares.

Assim, conforme a análise, ficou indicado que houve, provavelmente, uma relação de aliança entre os manifestantes e a população brasileira no processo de afrontamento aberto à situação política e econômica do país, prioritariamente em relação às questões básicas. Também se argumentou que o cartaz da análise, em consonância com os manifestos sociais, tivera um objetivo em comum: formatar, ou seja, reestruturar o país por meio de ações individuais e de interesses comuns.

Com essas apresentações, ficou combinado que o terceiro grupo apresentaria sua análise na próxima aula; desta forma, conforme o proposto, o grupo “C” analisou o cartaz “Queremos escolas padrão Fifa”:

Foto 6 - Veja como foi a manifestação nos arredores do Castelão e o conflito com os policiais



Fonte: ESPN.com.br

16

A análise do cartaz “Queremos escolas padrão FIFA”, conforme notícias relatadas pelos alunos, parte de uma relação interdiscursiva entre à situação da educação no país e algumas reivindicações que não foram atendidas pelo governo, fundamentalmente quanto a melhores condições de trabalho. Com o não atendimento a essas exigências, os servidores decidiram paralisar suas atividades; isso resultou em uma grande greve no estado do Mato Grosso. O estado já se encontrava em estado de greve e, com as manifestações de junho e mobilizações em todo o Brasil, foi definida a greve geral, conforme notícias que retratam as cidades do interior e capital. O grupo destacou que atitudes como essas indicam um possível descaso do governo perante os profissionais da educação, enquanto que altos investimentos foram feitos nos estádios em várias regiões do país, com padrão FIFA de qualidade, exigência imposta para que se realizasse a Copa do Mundo em 2014. Em outro momento, analisaram a notícia e a crítica do jogador Túlio em relação aos estádios em todo o Brasil, principalmente em Mato Grosso. Segue, em um primeiro momento, uma reprodução da reportagem:

¹⁶ Disponível em: <http://www.espn.com.br/noticia/337291_dez-mil-manifestantes-ja-tomam-arredores-do-castelao-palco-do-jogo-do-brasil>. Acesso em: 25/09/2014.

O atacante Túlio Maravilha, que segue na peregrinação em busca do milésimo gol de sua carreira, aproveitou sua passagem por Campina Grande (para onde foi fazer uma reavaliação física e muscular numa clínica médica da cidade) para detonar a preparação do Brasil para a Copa do Mundo de 2014. Tanto no que diz respeito à organização do evento, que será realizado no país, tanto na questão técnica da Seleção Brasileira. Ele disse, por exemplo, que algumas sedes devem ficar de fora da competição por não finalizarem seus estádios a tempo e que só com um milagre a taça da Copa do Mundo vai permanecer no Brasil após a Copa. - Estou bastante preocupado com tudo o que está acontecendo. O atraso nas obras atualmente já é uma realidade e ainda não é possível prever o que vai acontecer. Das 12 sedes previstas, acho muito possível que duas ou três delas fiquem de fora da Copa do Mundo por não finalizarem a tempo as obras. A situação é mesmo crítica – declarou. Túlio se mostrou preocupado também com o “legado” após a Copa. Segundo ele, muitas das praças esportivas construídas especialmente para a competição da Fifa devem ficar obsoletas após o mundial. - Veja o caso de Mato Grosso. O Estado não tem um futebol forte, mas mesmo assim vai ganhar um grande estádio. A questão é: o que vão fazer com ele depois da Copa? Porque construir é fácil. Difícil é fazer bom uso dele depois que passar o evento. Fonte:<http://globoesporte.globo.com/pb/noticia/2013/04/>.

O terceiro grupo, em sua interpretação, relacionou as notícias do estado do Mato Grosso aos protestos vistos na Copa das Confederações, percebendo que, conforme trecho, o jogo entre Brasil e México era só às 16h, mas, já por volta das 10h30, o clima era de tensão e protestos a cerca de 1,5 quilômetro do estádio Castelão, em Fortaleza, palco do confronto da segunda rodada da Copa das Confederações. Cerca de 35 mil manifestantes tomaram os arredores do local e entoaram cantos de repúdio enquanto portavam cartazes, bandeiras do Brasil e máscaras, neste caso por temerem a ação da polícia. A intenção dos manifestantes, que questionavam os gastos excessivos com a Copa do Mundo, era avançar em direção ao Castelão, mas uma barreira policial já bloqueava o caminho.

Durante a discussão, percebeu-se que dentre vários cartazes, um que se destacou foi: “Queremos escolas padrão Fifa”. Na imagem, dentro do ginásio, em tom de protesto, o casal ergue o cartaz em meio a todos os torcedores, vestidos com cores que representam a bandeira nacional, ou seja, a pátria. Eles demonstram entusiasmo por assistir a um grande espetáculo em um jogo com a seleção brasileira, mas, ao mesmo tempo, desânimo em saber que grandes quantidades de recursos estão sendo investidos nesses ginásios, enquanto outros setores sociais estão sendo deixados de lado, como a educação.

Com a análise, os discentes concluíram que o enunciado “Queremos escolas padrão Fifa” define, em sua significação, que a população almeja uma melhor

aplicação dos recursos públicos na educação brasileira, tanto no aspecto estrutural quanto qualidade. E, nos protestos de junho, a indignação com tudo isso apareceu forte, com muita ironia. Assim, os alunos refletiram que os gastos do setor público com as áreas sociais, como a educação, são uma fração pequena do que o país estava dispendendo com a Copa do Mundo.

Produto Final

Após os procedimentos de análise discursiva dos cartazes, houve um momento de socialização de ideias e a publicação do trabalho se deu por meio de ambiente virtual, um suporte de gêneros discursivos criado e desenvolvido pelos participantes, de forma a abranger todo o trabalho da sequência didática, além dos diversificados cruzamentos de informação acerca do tema que refletiu a sequência do trabalho.

Com a mídia eletrônica, as informações diferenciaram-se de outros meios tradicionais como, por exemplo, a impressão ou a transmissão por ondas eletromagnéticas. Ela perde sua característica unívoca, de relação um para um, para transformar-se em dado com múltiplos significados e leituras [...] O jornalista, o comunicador, o produtor, o publicitário, o cineasta, o professor, entre outros profissionais que lidam com informação como matéria-prima de seu trabalho, têm que aprender a disseminar a informação da melhor maneira possível (FERRARI, 2007, p. 10).

Um *site*, normalmente, é o trabalho de um único indivíduo, empresa ou organização, dedicado a um tópico ou propósito em particular. É difícil dizer com clareza até onde vai o suporte de gêneros, dada a natureza de hipertexto da Web. Acessados usam um software cliente chamado navegador. Frequentemente, possuem, também, conteúdo armazenado em banco de dados (base de dados).

Como propósito do trabalho, o *site* é importante pela armazenagem de informações, funcionando como bancos de dados, que catalogam registros e permitem efetuar buscas, podendo incluir áudio, vídeo, imagens, softwares, mercadorias, ou mesmo outros sites. Desta forma, pretende ser, e tem mostrado ser efetivamente, uma metodologia de engajar alunos e professores em um uso da *internet* voltado para o processo educacional, estimulando a pesquisa, o

pensamento crítico, o desenvolvimento de professores, a produção de materiais e o protagonismo juvenil.

Em linhas gerais, a produção final por meio de suporte de gêneros discursivos partiu da definição de um tema e objetivos por parte do professor; foi realizada uma pesquisa inicial e disponibilização de *links* selecionados acerca do assunto para consulta orientada dos alunos. Para o trabalho realizado em grupos, os alunos assumiram papéis diferentes, como o de especialistas, visando gerar trocas entre eles. Tanto o material inicial como os resultados foram publicados na web, online. O cruzamento de texto foi essencial para esse tipo de gênero, pois relacionou vários textos relativos às temáticas desenvolvidas, tendo como referência as multimodalidades inferidas e o desenvolvimento da proposta; a divulgação do material pedagógico à comunidade escolar se efetivou por meio de duas páginas:

1- “Movimento Sociais no Brasil”¹⁷, com textos e atividades que servem como complemento dos estudos temáticos, partindo de teorias clássicas e contemporâneas sobre Movimentos Sociais; estudos acerca de Karl Marx, Max Weber, Emile Durkheim e Vilfredo Pareto que contribuíram para a formação ideológica dos grandes pensadores e teóricos sociais. Análise do filme “Metropólis” - película de ficção científica lançada em 1927, por Fritz Lang, um mestre do expressionismo alemão. Situado em uma distopia futurista, a sociedade está dividida em duas classes distintas e separadas, os pensadores e os trabalhadores, descrevendo a luta entre as duas partes opostas. Para cada módulo de estudo do site há atividades que reforçam o aprendizado por meio de variedades de gêneros do discurso, com links que direcionam a outros sites e hipertextos.

O site “Movimentos Sociais no Brasil” é muito interessante por disponibilizar informações sobre as principais teorias dos movimentos sociais, desde suas origens aos moldes contemporâneos, além de ser uma ferramenta gratuita e disponível para todos que queiram aprofundar seus estudos sobre o assunto. O site disponibiliza textos que discutem sobre mobilizações sociais no continente europeu e americano, partindo da crise econômica de 2008 ao movimento Passe-Livre, ocorrido no Brasil em 2013. Desta forma, há a possibilidade do aprofundamento da discussão por meio de leituras complementares que fundamentaram as análises dos cartazes dos

¹⁷ Disponível em: < <http://denis40.comunidades.net/> >.

principais movimentos sociais que antecederam os manifestos sociais de junho de 2013.

2- A página “Análise Discursiva dos Cartazes¹⁸” abrangeu toda a Sequência Didática (SD), desde sua preparação ao produto final, com metodologias discursivas e aportes teóricos que comprovam as ideias e métodos aplicados. Além de preservar e permitir que o leitor tenha acesso as informações em outros momentos – horas, dias, ou em qualquer outro período, o *site* tornou-se uma importante ferramenta de busca que integrou todo um componente hipertextual, propiciando um imaginário híbrido capaz de sustentar uma relação flexível entre os interesses sociais das tradições da oralidade e da escrita. Essa página, com mais de dois mil e quinhentos acessos, apresenta todo um procedimento multimodal de informação que parte de análises mais profundas, não só discursivas, mas também linguísticas e semióticas. Aprofundamentos sobre gêneros discursivos, teorias linguísticas e atividades para cada módulo apresentado complementam os estudos desenvolvidos durante toda a etapa do trabalho, com links que redirecionam a outras páginas virtuais.

Todas as análises produzidas pelos discentes encontram-se disponíveis neste site; com interdiscursividade, o produto foi acrescido de teorias que respaldaram os conceitos estudados e discutidos durante a sequência didática; outro aspecto fundamental para o desenvolvimento da SD resultou dos gêneros acrescidos à página, que, além de priorizar textos produzidos pelos educandos, apresentou uma gama de informações que contribuíram expressivamente para o enriquecimento da página, como as perspectivas teóricas, artigos de opinião e gêneros diversos.

¹⁸ Disponível em:<<http://denisfarias.comunidades.net/>>.

3 ANÁLISE DOS CARTAZES PÓS INTERVENÇÃO

As condições de produção caracterizam o discurso e, como tal, são objetos de análise do processo de constituição da matéria enunciada. Essas condições relacionam-se aos procedimentos que foram produtivos para a AD e para seu objeto de estudo que definiu as suas fases. Para a interpretação e análise das características dos cartazes dos manifestos sociais no Brasil, alguns procedimentos foram verificados, baseados em Orlandi (2012) e Mussalim (2003). Mussalim (2003) destaca que a primeira época da Análise do Discurso - AD1 - relaciona-se ao estudo de discursos mais "estabilizados", no sentido de serem pouco polêmicos por permitirem uma menor carga polissêmica, ou seja, uma menor abertura para a variação do sentido devido a um maior silenciamento do outro (outro discurso/ outro sujeito).

No segundo momento da Análise do Discurso - AD2 - é considerado o conceito de formação discursiva em que se define o discurso como um conjunto de enunciados que provém de um mesmo sistema de formação, constituído por um número limitado de enunciados pelos quais se pode definir um conjunto de condições de existência.

Já a terceira fase da Análise do Discurso - AD3 - diz respeito à relação de uma FD com as outras, com a perspectiva de que uma FD está sempre dominada pelo interdiscurso. O objeto da análise passa a ser o espaço de trocas entre formações discursivas. Desta forma, a AD3 é o procedimento em que se baseia a análise das características discursivas dos manifestos de 2013. E para um maior aprofundamento e significância da SD em relevar sua condição de pesquisa, tornou-se essencial a análise pós intervenção do trabalho realizado com os discentes, com ênfase nos procedimentos de análise do discurso da fase AD3.

Com os resultados do trabalho de análise das características discursivas dos cartazes dos manifestos sociais de junho de 2013, houve a necessidade de uma análise mais profunda, refletindo sobre o que não foi percebido pelos discentes, visto que, não possuem uma visão mais teórica sobre o tema e procedimentos de análise. Desta forma, foram analisados os cartazes trabalhados, fundamentados nos procedimentos de análise do discurso.

Cartaz – “Saímos do Facebook”

Entre os cartazes mais fotografados nas ruas desde que os protestos começaram, um dos mais discutidos era o que dizia "Saímos do *Facebook*", crítica bem-humorada aos chamados "ativistas de sofá". Cada palavra dos manifestantes só tinha razão de ser em relação a um contexto definido de antemão. Para tanto, não raro se valeram da sátira e da paródia para referenciar aquilo a que respondiam.

O *site* de onde se extraiu a primeira imagem foi o ponto de partida para a análise. A foto foi postada por Lúcio Carvalho, coordenador-geral da revista digital “Inclusive – Inclusão e Cidadania¹⁹” e publicada em um domingo, dia 16 de junho de 2013. O título do artigo denomina-se “Passe livre para grandes expectativas” e faz uma comparação de 21 anos entre as recentes mobilizações e o movimento Fora-Collor de 1992, momento em que a população tomou as ruas para aclamar por seus direitos civis e sociais. Para se estabelecer um pano de fundo dos protestos, Carvalho parte de outras análises e diferencia as recentes manifestações sociais no Brasil das de outros movimentos, explicitando que não havia uma pauta específica, bandeiras ou partidos políticos que os representassem, apontando para a presença de jovens em sua maioria, em busca de uma identidade e representatividade social.

Um ponto em comum entre os movimentos que ganharam corpo a partir do uso massivo da comunicação virtual das redes sociais, foi a importância das imagens – principalmente as de repressão aos protestos – como elemento de motivação e indignação civil. Na imagem do cartaz, percebe-se um jovem carregando um cartaz onde se pode ler a frase “Saímos do Facebook”; a fotografia diz muito a respeito do sentimento da novíssima geração de manifestantes. Trata-se de uma geração sobretaxada de adjetivos pouco elogiosos. São os “alienados da *internet*”, os “indignados de sofá” que, seguindo o exemplo de jovens que, como eles, tomaram as ruas em diversos lugares do mundo por outras razões que não o custo da passagem de ônibus, saíram pelo menos de casa, já que ao *Facebook* provavelmente continuam conectados nos seus *smartphones* (Carvalho, 2013).

Um ponto a se destacar na análise se refere à semiótica do cartaz. Pietroforte (2013) pontua que a palavra imagem é frequentemente utilizada nos estudos de semiótica plástica; ela é polissêmica, e por isso gera ambiguidade indesejável nos

¹⁹ Disponível em: <<http://www.inclusive.org.br/>>. Acesso em: 18/03/2014.

discursos. Assim, a análise envolve tanto os elementos verbais quanto os não verbais. “Por pertencer aos domínios do visível, trata-se apenas de reconhecer a plasticidade da escrita e incluí-la nos domínios em que o conceito de ‘imagem’ se confunde com a plasticidade da expressão” (PIETROFORTE, 2013, p.33).

Outro aspecto analisado, que faz parte da imagem, foi o suporte utilizado para o cartaz; o papel cartolina de cor amarela que, combinado ao verde representa os vários movimentos sociais brasileiros, como o “Fora-Collor”, em que os jovens pintaram seus rostos, a princípio de preto, simbolizando a luta pela democracia, em um claro “redescobrimento” da nação. Desta forma, o sujeito é atravessado pela linguagem e pela história (Orlandi, 2013). Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para se produzir sentidos, ele é afetado por elas. No cartaz, foi percebido que o enunciado passa por uma possível provocação patente, ou talvez até mais que isso, por um tipo peculiar de menosprezo que os mais velhos costumam ter com os adolescentes. Talvez se trate de amargura pura e simples; o fato é que o comportamento impõe um distanciamento deles em relação aos mais jovens, como se lhes fosse repetida a frase “não me representa”. De fato, seus representantes estão mesmo em outro lugar, ocupando não as ruas, mas os cargos políticos, escolhidos através dos tradicionais esquemas representativos que os manifestantes de agora parecem menosprezar (Carvalho, 2013).

Ao analisar a relação entre o jovem e o enunciado do cartaz, enfatiza-se que o sujeito/ator histórico e ideológico é representado como o fruto dos diversos manifestos ocorridos no Brasil e mundo, em uma perspectiva segundo a qual uma FD está sempre dominada pelo interdiscurso (Mussalim, 2003; Orlandi, 2013), além do assujeitamento ideológico em sua posição das relações de classes sem se dar conta de que é levado a isso (Mussalim, 2003; Orlandi, 2013). Assim, interpreta-se que os dizeres do cartaz estão estruturados por formações discursivas que refletem todos os descontentamentos da população em seu contexto histórico por meio de manifestos e mobilização social. Na análise das características discursivas dos manifestos de junho de 2013, o enunciado liga-se a um momento específico, onde as ruas foram tomadas pelo povo para, assim, reivindicar por demandas sociais. Em um campo de contextualização coletiva, o pronome encontra-se oculto; temos um sujeito desinencial de primeira pessoa do plural representado por “nós”. O coletivo, representado de forma implícita, reflete os valores, as crenças de um momento

histórico e um grupo social, indagando e questionando, pronto para exigirem reivindicações e reformas sociais no país. O sujeito do discurso interage em um grupo que tenta compreender o contexto situacional das mobilizações sociais de junho de 2013, abrangendo, sobretudo, os procedimentos do discurso, os saberes, as opiniões e as crenças que possui e que supõe serem compartilhadas por seu interlocutor.

O sujeito divide o espaço de seu discurso na medida em que ajusta sua atividade enunciativa, tendo em vista o outro. A pergunta que se faz é “quem é a voz polifônica que saiu do *facebook*, toda a população ou uma parcela que se conecta a um plano virtual, em uma realidade congruente aos princípios da revolução digital?” Os dados comprovaram que a maioria era de jovens, filhos das “Diretas-Já”, do movimento “Fora-Collor” e de outras mobilizações decorrentes dos anos 1980 e 1990. Esta nova geração participa ativamente dos componentes interativos através de redes sociais e outros *sites* de relacionamento em uma visão mais globalizada, conectando suas ideias, anseios e demandas sociais. Outro ponto observado no cartaz “Saímos do *Facebook*” é que, além de ter seu significado de “reagir”, “deixar”, “ir à rua; “sair”, apresenta um verbo que denota ação de parte do sujeito do discurso que ocupa um lugar social a partir desse espaço, enunciando sempre inserido no processo histórico que lhe permite determinadas inserções, e não outras.

Um fato que marcou as manifestações de junho de 2013 foi a convocação pelas Redes Sociais que já se tornaram, em grande parte, o suporte de conversas dos brasileiros, sobretudo em relação aos jovens (CREVILARO, 2014). Desta forma, é normal que as mídias tradicionais utilizem esse apelo para saber conversar melhor com esse público.

Assim, conclui-se que a *internet* se transformou em um grande referendo, onde perguntas e enquetes são respondidas em tempo real, auxiliando empresas, pessoas e governantes a terem acesso aos anseios de uma massa, sem a necessidade de levantar fundos grandiosos. É assim, através de uma conversa informal, entre imagens de humor, vídeos e assuntos variados que deve estar o posicionamento para descobrir como chegar mais perto do povo, mesmo que de maneira digital, pois o que começou em grupos digitais se transformou na formação da cibercultura, em ativismo computadorizado ou ciberativismo que resultou em uma

grande mobilização social em junho de 2013 (CREVILARO, 2014). As Redes Sociais fazem parte do cotidiano da população de brasileiros que, conforme as circunstâncias e mobilizações sociais, interagem de forma a buscar melhorias e amplitude de suas vozes através dos canais da *internet*.

Como sequência da análise pós intervenção das características dos cartazes dos manifestos sociais de junho de 2013, aprofundaram-se os estudos discursivos do seguinte enunciado do cartaz “Deseja formatar o país? Ok/cancelar”

A AD3 interessa-se pelas condições sociais do discurso e, principalmente, por questões de poder e abuso de poder. O objeto de análise do discurso passa a ser o espaço de trocas entre formações discursivas, ou seja, o interdiscurso (Mussalim, 2003). É essencial que se tenha acesso ao contexto como um todo e em toda a sua complexidade para se entender de que modo o poder se relaciona com o texto e com a fala, e de que modo o discurso reproduz a estrutura social. Desta forma, os precedentes das manifestações brasileiras de 2013 destacam todo o contexto pelo qual o Brasil passava, predominantemente na esfera política e social.

Orlandi (2013) afirma que a memória é um importante elemento que faz parte da produção do discurso; interpreta-se que as FDs resgatam os componentes de luta e resistência verificados nas diversas mobilizações sociais ocorridas no Brasil. Desta maneira, a memória acionada faz valer as condições de produção que incluem o contexto sócio-histórico e ideológico. A memória é tratada como um interdiscurso, aquilo que fala antes, em outro lugar, de modo independente. A memória discursiva, o saber discursivo, torna possível todo dizer, e retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra (Mussalim, 2003; Orlandi, 2013).

A heterogeneidade interdiscursiva disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada; o fato de que já há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso (ORLANDI, 2013). Analisa-se que esse já-dito no cartaz “Deseja formatar o país? Ok/cancelar” refere-se às constantes manifestações sociais ocorridas no país e que objetivaram reformas políticas e sociais cuja memória discursiva pontua nas várias mobilizações e seu desejo de mudanças significativas, havendo, assim, uma relação entre o interdiscurso e o intradiscurso, entre a constituição do sentido e sua formulação (ORLANDI, 2013).

Desta forma, os participantes analisam e representam os entornos e as situações sociais, em geral por meio de uma relação interdiscursiva ao relacionar os manifestos de junho de 2013 às mobilizações sociais preponderantes da história do Brasil, pois na construção de seus modelos de contextos subjetivos e coletivos há capacidades gerais de compreensão, cruciais em nossa vida cotidiana.

A enunciação representa o desejo por mudanças ao possibilitar a escolha entre o “ok” e “cancelar”, com a seta direcionada à primeira opção, excluindo qualquer outra alternativa. Neste caso, as redes de mobilizações sociais e as novas tecnologias convocam a população em geral para ir às ruas, mudar e transformar o país. A seta direcionada pelo mouse representa que os jovens não estão mais sentados ao “sofá” ou “cadeiras” acomodados perante as mobilizações que ocorrem em todo território nacional. A mudança parte das redes sociais e se concretiza nas ruas entre toda população com anseios de colocar o país no eixo e reivindicar por demandas sociais.

Outro ponto que deixou de ser analisado pelos discentes foi quanto ao termo oriundo da língua inglesa norte-americana “ok”, que significa sim, e está relacionado a períodos de guerra, representando a ausência de mortos. A expressão tem uso global; desta forma, “ok” representaria toda a população brasileira, com prioridade aos jovens, em seus aspectos sociais, culturais e econômicos, ligados à consciência de entender as verdadeiras intenções do plebiscito quanto ao momento de lutar por seus direitos e reivindicações. Em análise, ainda, observou-se que o cartaz “Deseja formatar” é uma expressão verbal que denota comando, pedido por parte do sujeito do discurso que ocupa um lugar social que, a partir desse espaço, enuncia, sempre inserido no processo histórico que lhe permite determinadas inserções, e não outras. O enunciador do discurso insere-se em um contexto histórico, ou seja, o dos manifestos ocorridos em junho de 2013, em sua relação interdiscursiva com as várias mobilizações sociais que perpassam nossos “dizeres”, com um determinado ponto de vista e objetivo social, o de mudanças significativas e questionamentos da realidade, de acordo com os desejos de “formatar o país”.

A história se faz com o homem inteiro, e não com um pedaço de homem. É com classes sociais em movimentos, em permanente disputa pela hegemonia; mas com todas elas, e não só com aquela que é alfabetizada e tem condições de deixar o documento no arquivo Não se trata apenas de relacionar fatos históricos

constituídos, mas também de constituí-los, estudando a rede de relações do período de modo a transformar os fatos “em si” em fato “para nós”. Os domínios se inter-relacionam e têm como pano de fundo a totalidade. Trata-se da questão da relação, de rede e da inter-relação (GOLDMAN apud BOCCEGA, 2012). As classes sociais, com interesses muitas vezes opostos, se inter-relacionam em sua luta permanente pela hegemonia ou interesses em comum. Esse movimento da sociedade é o que interessa efetivamente à História e deveria embasar o discurso do comunicador (GOLDMAN apud BOCCEGA, 2012). Para tanto, o comunicador deve ter formação bem mais ampla, na qual as tecnologias são instrumentos a serem usados de acordo com a crítica à sociedade de que ele é parte.

O sujeito do discurso é um ser que ocupa um lugar social e está inserido no processo histórico; no caso, as manifestações ocorridas em junho de 2013, suas causas e perspectivas; na expressão “Deseja formatar o país? Ok/cancelar”, a locução verbal expressa um desejo de mudança em transformar a realidade social e faz o pedido ao interlocutor de forma individual, particular, com o objetivo de despertar no interlocutor o senso crítico e formação autônoma sobre os eventos sociais da realidade brasileira. Assim, utiliza-se de recursos argumentativos que o guie para duas direções: “Ok” – para confirmar o apoio/interesse, e “cancelar”, significando: tornar sem efeito, anular, eliminar; suspender, suprimir. Nessa perspectiva o “não” é descartado das alternativas de mudanças.

Em uma análise mais semiótica, refletindo sobre a foto e o cartaz, tem-se uma situação de pedido, desejo de orientar o interlocutor a participar e interagir com os manifestos sociais no Brasil, usando de recursos argumentativos centrados no interlocutor do enunciado de forma polida por meio de um questionamento afirmativo. Assim, depreende-se que o pedido que se faz em relação ao ato de formatação não diz respeito a elementos particulares, mas se refere a toda uma totalidade. A acepção usada na esfera tecnológica perpassa ao mundo real e concreto, com novas significações e semanticamente usada para a nação brasileira. O contexto e a situação operam conjuntamente para determinar a significação das palavras de acordo com a intenção do falante, “fixando”, assim, o sentido do discurso.

Após a análise discursiva do segundo cartaz, o terceiro e último que fora usado como intervenção na SD foi estudado mais profundamente, visto que as

possibilidades de interpretação dos discentes não são fundamentadas pelos teóricos do discurso. A interpretação se deu com o enunciado do cartaz “Queremos escolas padrão Fifa”. De acordo com a revista *Atualidades Vestibular* (2013), de norte a sul, a reclamação sobre saúde e educação dominou, além dos transportes. Em comum, são três áreas vitais para o bem-estar dos brasileiros que exigem investimentos de vulto pelos governos. Mesmo com melhorias nos últimos anos nessas áreas, é senso comum dizer que as redes públicas de escolas e hospitais prestam serviços com qualidade muito inferior às instituições privadas, às quais têm acesso uma elite que pode pagar. Um dos aspectos da concentração de renda no Brasil são essas diferenças no acesso a serviços essenciais.

Nesse cenário, a preparação da infraestrutura para a Copa do Mundo de 2014 está carregada de elementos contraditórios. Junto com o orgulho de sediar um dos maiores eventos globais, referente ao esporte preferido dos brasileiros, veio o gosto amargo de gastos com vários estádios que não terão muita utilidade após a competição. Além disso, há a questão da Fifa e da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), entidade privada que, sem transparência, lamentavelmente levanta suspeitas para o surgimento de denúncias e favorecimento indevido com o uso de dinheiro público. A parte dos planos que provavelmente não sairá do papel é justamente a que mais beneficiaria o conjunto da população, pois pretendia realizar obras de infraestrutura e transporte.

Nos manifestos de junho de 2013, a indignação com tudo isso apareceu forte e com muita ironia, como mostrado no cartaz “Queremos escolas padrão Fifa”. Em uma análise discursiva quanto ao sujeito do discurso, Bakthin (apud Brandão, 2004) recusa um “eu” individualizado cuja atividade mental tende para a autoeliminação e perda da sua modelagem ideológica e, conseqüentemente, do seu grau de consciência, e propõe um “nós”, sujeito social que se marca por uma atividade diferenciada: (nós) queremos – esta diferenciação se dá no nível ideológico, no grau de consciência em relação à orientação social. Brandão (2013) enfatiza que esse “nós”, sujeito social, é uma unidade que se constitui na multiplicidade, fruto da interação conflitual entre o “eu e o outro”; é o sujeito inserido na memória e na história, diferente do sujeito transcendental, abstrato, fora de qualquer orientação histórica, social e política:

[...] Então, o centro organizador de toda enunciação, de toda a expressão, não é interior, mas exterior, está situado no meio social que envolve o indivíduo. Toda palavra é ideológica e toda utilização da língua está ligada à evolução ideológica, a estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social, a enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes. (BAKHTIN apud BRANDÃO, 2013, p.113).

Em uma análise mais ampla, refletindo sobre a foto e o cartaz, temos uma situação presente – os fatos acontecem simultaneamente aos atos de protestos, dentro do estádio, no momento da partida de futebol em que a seleção brasileira estaria jogando, alvo de atenção de toda a sociedade por se tratar de um grande evento nacional. Vargas (2011) destaca que o presente do indicativo, quando denota uma ação do passado (contexto social da relevância em priorizar os estádios em detrimentos de outras áreas sociais) ganha um novo valor expressivo - quem fala/escreve parece pretender abolir a distância entre os leitores e os fatos narrados; “presentifica-os” diante do interlocutor, possibilitando, assim, uma melhor compreensão desses fatos.

O contexto e a situação operam conjuntamente para determinar a significação das palavras de acordo com a intenção do falante, “indicando”, assim, o sentido do discurso. Na análise do cartaz, em relação à foto, observa-se que o fato se desenvolve no momento em que idealmente se situa o falante no ato da enunciação, que é expresso pela forma verbal do presente do indicativo “queremos”, verificado no enunciado do cartaz.

Para Bakhtin (apud Brandão, 2013) a concepção de interação verbal e diálogo pressupõe a ideia de que toda comunicação verbal, de qualquer tipo, faz parte de uma corrente de comunicação ininterrupta em que o “outro” está sempre pressuposto, não de forma passiva, mas ativa, orientando a construção do discurso. A essa valorização do papel do discurso dá-se o nome de polifonia. O autor propõe que o sentido de uma palavra é traço de união entre os interlocutores e só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva.

“Querer” em uma análise discursiva refere-se a toda população brasileira em seus anseios por mudanças sociais, com destaque na área de educação e saúde. Benveniste (1976) mostra que “nós” não é o plural de “eu”; “nós” é “eu” mais alguém: “eu” e “tu”; “eu” e “ele”; “eu”, “tu” e “ele”; “eu”, “tu” e “eles”, e assim sucessivamente. “nós” é, pois, uma pessoa ampliada: “eu” + alguém. Cria-se, assim, a noção de

polifonia do discurso na análise do cartaz. “O objeto da Análise do Discurso passa a ser o espaço de trocas entre formações discursivas, ou ainda, o interdiscurso”. (MUSSALIM, 2003). Desta forma, o sujeito do discurso, em sua voz polifônica e relação interdiscursiva, deseja, ambiciona mudanças em algum aspecto social; neste caso específico do cartaz, uma perspectiva em relação à educação, pois todos sabem que a partir da educação é que se constrói uma nação. E, conforme dados e mobilização social dos profissionais da educação no Brasil, esta situação está muito aquém em relação a outros países, cujos investimentos nesta área são bem mais significativos. Uma das formas de se tentar atingir essas metas foi através dos manifestos que estavam ocorrendo por todo país, e o momento de se manifestar indignações seria o do jogo da seleção brasileira em que todos os holofotes estariam voltados para o evento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As manifestações sociais no Brasil são mobilizações que construíram significados novos para as lutas sociais. Seus protestos vão além do ativismo digital e há múltiplos processos de subjetivação na construção dos sujeitos em ação. A composição dessas novas frentes é complexa, diversificada, com múltiplos atores, propostas e concepções sobre a política, a sociedade, o governo etc.

Os estudos sobre os manifestos sociais partiram de aporte teórico dos paradigmas clássicos e contemporâneos desses movimentos, com categorias de análises diferenciadas para o universo explicativos desses modelos; assim, o paradigma norte-americano possui explicações centradas mais nas estruturas das organizações dos sistemas sociopolíticos. O paradigma latino-americano concentra-se nos estudos sobre os movimentos sociais libertários ou emancipatórios e, na era da globalização, os novos movimentos sociais efetiva-se com a participação da sociedade em atividades coletivas, tendo um fator decisivo na constituição de identidades e nas biografias pessoais, frequentes nas mobilizações sociais brasileiras nas últimas décadas.

Além de estudos acerca dos manifestos e movimentos sociais, a análise discursiva dos cartazes dos movimentos sociais fundamentou-se em estudos teóricos sobre análise do discurso, com contribuição de vários autores, dentre eles, Eni Orlandi e Fernanda Mussalin, autoras que discutiram sobre Análise do Discurso, desde sua origem, às fases da AD, essenciais para a análise discursiva dos módulos apresentados, com foco na AD-2, que trata dos conceitos de Formação Discursiva e, principalmente, a AD-3, por tratar das formações discursivas e o interdiscurso.

Através de estudo de caso, a intervenção pedagógica foi realizada na 3ª fase do 3º ciclo “A” da Escola Estadual 21 de Abril em Juína, com a proposta da formação do aluno crítico e autônomo nas práticas de leitura com enfoque social, numa perspectiva de cruzamento de textos. Desta forma, a metodologia utilizada para a análise dos cartazes fundamentou-se por teorias dos manifestos sociais e análise do discurso; assim, foram utilizadas estratégias de sequência didática de Dolz (2004), que segue os procedimentos de apresentação da situação, produção inicial, módulo e produção final, cujo objetivo é auxiliar o educando a dominar melhor um gênero

por meio de um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática em torno de um gênero textual ou escrito.

Como produção inicial, os discentes assistiram ao documentário “Os gritos da rua” e discutiram sobre o contexto dos manifestos sociais de junho de 2013. No módulo 1, houve todo um estudo sobre o gênero cartaz que partiu de pesquisas webgráficas e teóricas baseadas na obra *O cartaz* (2004), de Abraham Moles. O Módulo 2 descreveu os principais movimentos sociais que antecederam os manifestos de junho de 2013; nesta etapa, houve uma pesquisa em grupo cujo objetivo relacionou-se ao interdiscurso, conforme a AD-3 e, assim, alguns cartazes foram selecionados e contextualizados de acordo com três mobilizações que foram de suma importância para a sociedade contemporânea brasileira e fundamentais para a reflexão e análise do próximo módulo. No último módulo, foram selecionados três cartazes para a análise discursiva dos cartazes dos manifestos sociais de 2013; após a contextualização intertextual e discursiva, os discentes puderam inferir, por meio de práticas discursivas, hipertexto e multimodalidade, os processos de leitura crítica, de acordo com os seguintes cartazes: “Saímos do facebook”; “Deseja formatar o país? Ok/cancelar”; e “Queremos escolas padrão Fifa”. Como produto final, a publicação do trabalho se deu por meio de ambiente virtual, um suporte de gêneros discursivos criados e desenvolvido pelos participantes, de forma a abranger todo o trabalho da sequência didática. O *site* <http://denisfarias.comunidade.net> foi criado com o objetivo de engajar alunos e professores para uso da *internet* voltado para o processo educacional.

Como resultado da intervenção pedagógica com os discentes, apesar de uma análise perceptiva, a leitura dos cartazes contribuiu para a formação do leitor crítico ao relacionar os contextos político-sociais ao processo de intertextualidade e interdiscursividade das manifestações sociais realizadas no país, de forma geral, com a realidade do município de Juína, além da compreensão e reconhecimento das práticas sociais da linguagem dos protestos a partir de análise discursiva e produção de textos por meio dos mais variados gêneros discursivos em uma conjuntura multimodal e hipertextual.

Com os procedimentos de AD2 e, principalmente, AD3, analisei os cartazes selecionados pelos educandos em um momento pós-intervenção, visto que, eles ainda não construíram um aprofundamento teórico a respeito das teorias sobre os

manifestos sociais e análise do discurso. Desta forma, ao interpretar as análises dos cartazes dos manifestos de junho de 2013, foi possível reconhecer as especificidades e diferenças das populações que participaram das manifestações sociais e compreender o processo de interdiscursividade presente nessas mobilizações, pois o interdiscurso é o objeto de investigação de qualquer análise do discurso em sua formação discursiva que se corresponde a outras formações discursivas. Assim, o procedimento de AD3, em sua perspectiva de heterogeneidade, consolidou os estudos e reflexões sobre os cartazes em sua formação ideológica e discursiva, percebendo como a memória reconhece termos, expressões e ideologias inseridas no texto. Nesse sentido, a análise das características discursivas dos cartazes dos manifestos sociais de 2013 propiciou aos participantes do evento a interação aos mais diversos gêneros do discurso, a hipertextualidade e aportes teóricos que fundamentaram as análises de acordo com os contextos históricos das manifestações realizadas no país, e também de acordo com a realidade social do município de Juína. Interpretaram-se as linguagens dos protestos em consonância com o gênero cartaz a partir de análise discursiva e, assim, foram produzidos textos por meio de multimodalidades que foram postadas em *site* criado com esse objetivo.

Como professor pesquisador, após as pesquisas e os manifestos sociais de 2013, constatou-se que as manifestações foram de grande importância, pois apontaram a força das ruas, mas faltou foco sobre o que reivindicar, em que espaços atuar e faltou também força para que as ações continuassem de forma mais organizadas. De um modo geral, o resultado das manifestações de junho foi o aumento da pressão popular sobre os governantes. Os resultados foram apenas ações de curto prazo, que resultaram no aumento dos gastos públicos de forma desorganizada, mantendo a precária prestação de serviços à população.

Outro fato a se considerar é que a maioria dos jovens que participaram dos manifestos não tinham uma formação crítica a respeito da conjuntura social brasileira, interpelados pela ideologia dominante, ficaram tanto tempo na rua, de Fortaleza a Rio Grande do Sul, fazendo manifestações sem explicações lógicas, nem políticas; talvez apenas um momento de indignação perante os diversos discursos que contradizem os direitos legitimados. Com a copa das Confederações em junho de 2013, a população refreou suas demandas e outros discursos foram

apropriados, como o de patriotismo, “país do futebol” e diversos outros que deslocaram o sentido das mobilizações. Na esfera pedagógica, o discurso diluiu, e, desta forma os alunos se apropriaram de outras formações ideológicas que se contextualizam ao cenário atual, dispersando a memória discursiva em sua formação ideológica.

O estudo possibilitou melhorias na prática pedagógica do professor por meio de momentos de discussão e reflexão sobre o processo de intertextualidade e interdiscursividade e sua relação com os fatos contemporâneos e históricos, além de procedimentos de sequência e análise discursiva, que tornaram as aulas mais dinâmicas, criativas e interativas, tendo como protagonista o educando autônomo e agente transformador social.

O trabalho em forma de SD “A Linguagem dos Protestos: uma proposta pedagógica de sequência didática por meio da análise discursiva dos cartazes das manifestações sociais brasileiras” teve como meta atingida a prática de ensino de língua portuguesa, baseada no Modelo Autônomo de Letramento, direcionado às práticas sociais que destacam o papel da língua na constituição das relações, identidades e valores com interação de boa qualidade entre os educadores e educandos, por meio do projeto extracurricular que se aproximou da comunidade e também das atuais demandas de ensino. Assim, torna-se essencial o desdobramento do projeto com ações que divulguem a proposta em todo âmbito nacional, por meio de políticas educacionais que assegurem novas práticas pedagógicas aos multiletramentos.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOCCEGA, Maria Aparecida. *A Construção do “Real” e do “Ficcional”*. In: FIGARO, Roseli. *Comunicação e Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2012.

BRANDÃO, Helena Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. São Paulo: Unicamp, 2004.

_____. *Discurso, gênero e cenografia enunciativa*. In: MICHELETTI Guaraciba (org.). *Enunciação e Gêneros Discursivos*. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. *Enunciação e Construção do Sentido*. In: Figaro, Roseli. *Comunicação e Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2013.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, M.; SCNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. et al. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

FERRARI, Pollyana. *Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital*. São Paulo: Contexto, 2007.

FISHER, Rosa M. B. *FOUCAULT*. In: Oliveira L. A. (org.). *ESTUDOS DO DISCURSO: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos Movimentos Sociais*. 10.^a ed. São Paulo: Loyola, 2012.

_____. *Novas Teorias dos Movimentos Sociais*. 4.^a ed. São Paulo: Loyola, 2012.

_____. *Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações Cívicas no Brasil contemporâneo*. 7.^a ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

MAGALHÃES, Izabel. *Letramento, intertextualidade e prática social crítica*. In: MAGALHÃES, Izabel (Org.) *Discursos e práticas de letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 17-68.

MANIFESTAÇÕES de Junho. *Atualidades Vestibular+ENEM*, São Paulo: nº 18, p. 100-107, 2^o sem. 2013.

MOLES, Abraham. *O cartaz*. 1.^aed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2003.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e Texto: formulação e circulação de sentidos*. 4ª ed. São Paulo: Pontes Editores, 2012.

_____. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 11ª ed. São Paulo: Pontes Editores, 2013.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. *Análise do texto visual: a construção da imagem*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

ROJO, Roxane Moura; Moura, Eduardo (Orgs) *Multiletramentos na escola*. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTOS, Sonia S. B. *PÊCHEUX*. In. Oliveira L. A. (org.). *Estudos do Discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

TRIPP, David. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VARGAS, Maria Valéria. *Verbo e Práticas Discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011.

VASQUES, Lucas. O despertar, em junho. *Revista Sociologia*, São Paulo, nº 48, p. 20-27, agosto/setembro 2013.

6 REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS

CARVALHO, Lúcio. Passe livre para grandes expectativas. *Inclusive: Inclusão e Cidadania*, 16 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.inclusive.org.br/?p=24735>>. Acesso em 09/05/2014.

CREVILARO, André. A Revolução das Redes Sociais e a Internet Brasileira nos Manifestos. *Corporação Ideias*, 19 jun. 2014. Disponível em: <<http://corporacaoideias.com.br/2013/06/19/a-revolucao-das-redes-sociais-e-internet-brasileira-nos-manifestos/>>. Acesso em 22/09/2014.

MANIFESTO em Juína. *JNMT Notícias*, Juína, 21 jun. 2013. Disponível em: <http://www.jnmt.com.br/eventos_ver.php?id_evento=128>. Acesso em 19/03/2014.

TÚLIO prevê estádios inacabados na Copa e teme por 'tragédia' da Seleção. *GloboEsporte.Com*, Campina Grande, 11 abril 2013. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/pb/noticia/2013/04/tulio-preve-estadios-inacabados-na-copa-e-teme-por-tragedia-da-selecao.html>>. Acesso em 27/07/2014.

7 APÊNDICES

Após os procedimentos de análise discursiva dos cartazes houve um momento de socialização de ideias e a publicação do trabalho se deu por meio de ambiente virtual, um suporte de gêneros discursivos criado e desenvolvido pelos participantes, de forma a abranger todo o trabalho da sequência didática, o qual, abrangerá os diversificados cruzamentos de informação acerca do tema que refletiu a sequência do trabalho.

Com a mídia eletrônica, as informações diferenciaram-se de outros meios tradicionais como, por exemplo, a impressão ou a transmissão por ondas eletromagnéticas. Ela perde sua característica unívoca, de relação um para um, para transformar-se em dado com múltiplos significados e leituras [...] O jornalista, o comunicador, o produtor, o publicitário, o cineasta, o professor, entre outros profissionais que lidam com informação como matéria-prima de seu trabalho, têm que aprender a disseminar a informação da melhor maneira possível. (FERRARI, 2007, p. 10).

Um *site*, normalmente, é o trabalho de um único indivíduo, empresa ou organização, ou é dedicado a um tópico ou propósito em particular. É difícil dizer com clareza até onde vai um site, dada a natureza de hipertexto da Web. Sites são escritos em ou dinamicamente convertidos para HTML e acessados usando um software cliente chamado web browser ou navegador. Frequentemente, sites possuem, também, conteúdo armazenado em banco de dados (base de dados).

Como propósito do trabalho, o site é importante pela armazenagem de informações, funcionando como bancos de dados, que catalogam registros e permitem efetuar buscas, podendo incluir áudio, vídeo, imagens, softwares, mercadorias, ou mesmo outros sites.

Em linhas gerais, o site partiu da definição de um tema e objetivos por parte do professor, uma pesquisa inicial e disponibilização de *links* selecionados acerca do assunto, para consulta orientada dos alunos. Estes devem ter uma tarefa, exequível e interessante, que norteie a pesquisa. Para o trabalho realizado em grupos, os alunos devem assumir papéis diferentes, como o de especialistas, visando gerar trocas entre eles. Tanto o material inicial como os resultados devem ser publicados na web, online.

O cruzamento de texto é essencial para esse tipo de gênero, pois entremeia a temática em detrimento a não fragmentação dos eixos que a norteiam, tendo como referência as multimodalidades inferidas e o desenvolvimento da proposta, a divulgação do material pedagógico à comunidade escolar se efetivara por meio de das páginas:

1. *Movimentos Sociais no Brasil* disponível em <http://denis40.comunidades.net/index.php?pagina=1881474454> disponibiliza textos e atividades que servem como complemento dos estudos temáticos, partindo de teorias clássicas e contemporâneas sobre Movimentos Sociais; estudos acerca de Karl Marx, Max Weber, Emile Durkheim e Vilfredo Pareto que contribuíram para a formação ideológica dos grandes pensadores e teóricos sociais. Análise do filme “Metrópolis” - película de ficção científica lançado em 1927, por Fritz Lang, um mestre do expressionismo alemão. Situado em uma distopia futurista, no filme, a sociedade está dividido em duas classes distintas e separadas, os pensadores e os trabalhadores, descrevendo a luta entre as duas sociedades opostas. Para cada módulo de estudo do site há atividades que reforçam o aprendizado por meio de variedades de gêneros do discurso, com links que direcionam a outros sites e hipertextos.



Metrópolis – 1927

ATIVIDADES MÓDULO 1

Módulo 1 –
 O filme permite perceber o cotidiano de forma diferenciada, por meio da adoção de um espírito investigativo, reflexivo e crítico. Desta forma para auxiliar na condução do processo de conscientização e formação autônoma do discente, usam-se de referências históricas capazes de entender sobre os distintos aspectos que nos cercam. Para a abordagem de temática como poder, classes, as desigualdades e as contradições sociais. Parâmetros de grandes referências: Karl Marx, Max Weber, Emile Durkheim e Vilfredo Pareto, como objetivo dos estudos sobre os movimentos sociais, considerando a preponderância desses para a efetivação de transformações que ocorrem nas sociedades.

Atividades

1.1
 Leitura do texto *Prefácio a Crítica da economia política de Marx e Engels* disponível em Tópico teórico (no próprio site).
 Objetivo: Estabelecer relação entre a economia e política estabelecida no sistema capitalista, conforme teoria de Karl Marx (1818-1883).



MÓDULO 4 - MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS

CRUZAMENTO DE TEXTOS - GLOBALIZAÇÃO E MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS

Para que se tenha um entendimento sobre os manifestos sociais de junho de 2013 no Brasil e relevante analisar os movimentos sociais nos últimos cinco anos.

A crise econômica de 2008, considerada a pior desde a Grande Depressão de 1929, foi disseminada ao longo dos anos 2000, quando o governo dos EUA reduziu as taxas de juros, elevando, desse modo, a oferta de crédito, o que fez as instituições bancárias emprestarem até vinte vezes o valor disponível em seus cofres, sem qualquer tipo de controle ou regulamentação. Os norte-americanos endividaram-se de forma excessiva, dificultando o pagamento das dívidas adquiridas, situação agravada pela queda do preço dos imóveis, cujos valores das hipotecas se tornaram insuficientes para cobrir os valores. O resultado do processo foi a queda do consumo, o que fez com que os lucros das empresas norte-americanas também despencassem com falências de bancos e queda das ações nas bolsas de valores mundiais, dando início ao período mais dramático da crise de 2008, que duraria até o início de 2009. Um dos resultados imediatos desse processo foi a interrupção do sistema de empréstimos interbancários, obstruindo, inclusive, a linha de crédito para exportações, gerando um amplo quadro de recessão econômica.

A crise econômica estadunidense agravou problemas financeiros já existentes em países europeus como Portugal, Itália, Irlanda, Grécia e Espanha, que, diante desse contexto, aprovaram pacotes bilionários para evitar perdas de empregos e o comprometimento de perdas financeiras. Todavia, diante da continuidade dos problemas

ATIVIDADES - MÓDULO 4

1- Estudos sobre os antecedentes dos fatos cruciais que levaram a emergir as crises econômicas de 2008 e 2011: Crise econômica estadunidense e a crise dos governos europeus e norte-americano em resgate de instituições financeiras. Disponível no youtube: Matéria de capa: crise europeia- <https://www.youtube.com/watch?v=Xudeo1ZSKy8>

Objetivo: Compreender o panorama histórico dos Movimentos Sociais Contemporâneos.

2- Pesquisas em grupo sobre os principais fatos e movimentos sociais que abrangeram os últimos cinco anos no Brasil e mundo: Células Neonazista, Movimento "Ocupem Wall Street", Primavera Árabe e Manifestações Urbanas Brasileiras Contemporâneas (Movimento Passe Livre, Manifestações de Junho de 2013 e mobilizações pós-junho de 2013). Assistir aos vídeos disponíveis no youtube:

Primavera Árabe J - Futuro do mundo árabe - <https://www.youtube.com/watch?v=1UyL7d8XCQ;>

Crise de 1929 e a crise americana de 2008 - https://www.youtube.com/watch?v=w_HX0FwGUWU;

Os gritos da rua - <https://www.youtube.com/watch?v=VwyAZy3jW4>

Objetivo: Analisar os movimentos sociais mais relevantes nos últimos cinco anos em uma relação de cruzamento de textos.

O site Movimentos Sociais no Brasil é muito interessante por disponibilizar informações sobre as principais teorias dos movimentos sociais, desde suas origens aos moldes contemporâneos, além de ser uma ferramenta gratuita e disponível para todos que queiram aprofundar seus estudos sobre o assunto. Com mais de 1500 acessos, pode ser utilizado tanto para alunos do ensino fundamental ou médio, específico para pesquisas, atividades e interação mediadora entre o docente e discente.

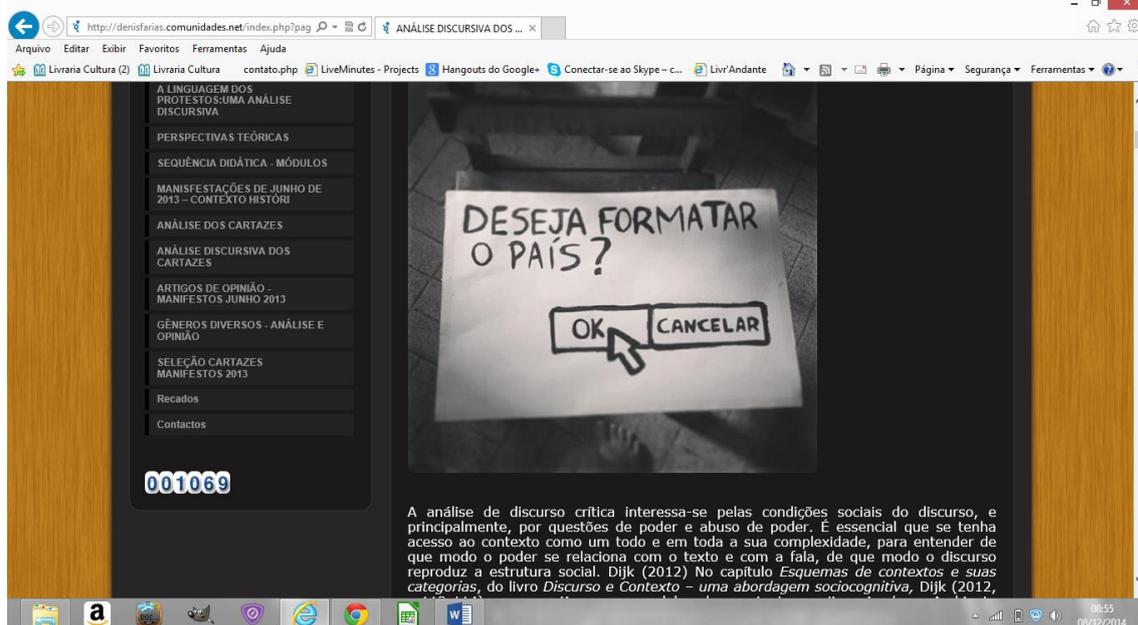
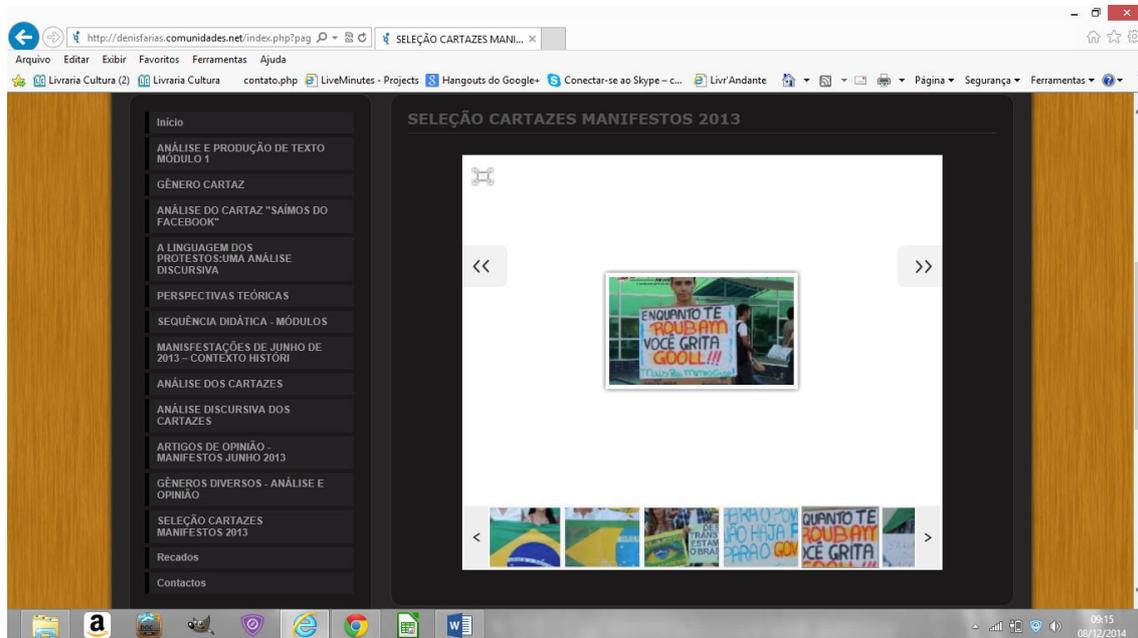
Na página <http://denis40.comunidades.net/index.php?pagina=1881585559> do site Movimentos Sociais no Brasil foram disponibilizados textos que discute sobre mobilizações sociais no continente europeu e americano, partindo da crise econômica de 2008 ao movimento Passe-Livre, ocorrido no Brasil em 2013. Leituras complementares para as análises dos cartazes dos principais movimentos sociais que antecederam os manifestos sociais de junho de 2013.



2. A página *Análise Discursiva dos Cartazes* disponível em <http://denisfarias.comunidades.net/index.php?pagina=1050890403> abrange toda a Sequência Didática (SD), desde sua preparação ao produto final. Com metodologias discursivas e aportes teóricos que comprovam as ideias e métodos aplicados.

Além de preservar e permitir que o leitor acesse as informações em outros momentos – horas, dias, ou em qualquer outro período, o site torna-se uma importante ferramenta de busca que integra todo um componente hipertextual, propiciando um imaginário híbrido capaz de sustentar uma relação flexível entre os interesses sociais das tradições da oralidade e da escrita.

Na página *Análise Discursiva dos Cartazes*, com mais de 2500 acessos, há todo um procedimento multimodal de informação que partem de análises mais profundas, não só discursivas, mas também linguísticas e semióticas.



Aprofundamentos sobre gêneros textuais, teoria linguísticas e atividades para cada módulo apresentado complementam os estudos desenvolvidos durante toda a etapa do trabalho, com links que redirecionam a outras páginas virtuais, enriquecendo e interagido à sociedade da informação.

conceituando e selecionando os cartazes para análise linguístico-discursivos manifestos sociais no Brasil - Abraham Moles

abraham moles
O CARTAZ

A segunda etapa da análise linguístico-discursiva dos manifestos sociais no Brasil é dividida em duas partes: a primeira parte de um estudo da obra *O cartaz (2004)* de Abraham Antoine Moles em que se procura fazer um aprofundamento sobre o gênero e sua relevância perante a pesquisa.

Para Moles (2004) o objetivo de sua obra é a ênfase ao cartaz da cidade contemporânea, o da sociedade urbana, da paisagem urbana, que logo deve

Todas as análises produzidas pelos discentes encontram-se disponíveis neste site, com a mediação do professor, o produto é acrescido de teorias que respaldem aos conceitos estudados e discutidos durante a sequência didática, como se verifica nos prints abaixo.

ANÁLISE DO CARTAZ "SAÍMOS DO FACEBOOK"

Para produzir/compreender e analisar um texto são necessários não só conhecimentos linguísticos (conhecer o vocabulário, a gramática da língua - suas regras morfológicas e sintáticas), mas também conhecimentos extralinguísticos (de mundo, enciclopédico, históricos, culturais, ideológicos de que trata o texto) que permitirão dizer a que formação discursiva pertence e a que formação ideológica está ligado. Outro aspecto a se observar é a relação complementar entre o semântico e o semiótico, pois ao semiótico se agrega a noção de compreensão, que é do semântico.

Cartaz - "Saímos do facebook"

The screenshot shows a web browser window with the URL <http://denisfarias.comunidades.net/index.php?pag>. The page title is "A LINGUAGEM DOS PROTESTOS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA". The main content area features the article title "A LINGUAGEM DOS PROTESTOS: Uma análise discursiva dos cartazes das manifestações sociais brasileiras" and the beginning of the text, which discusses the educational context in Juína, Brazil, and the use of discourse analysis in social movements.

The screenshot shows a web browser window with the URL <http://denisfarias.comunidades.net/index.php?pag>. The page title is "ANÁLISE DOS CARTAZES". The main content area features the article title "análise dos cartazes do manifesto" and the beginning of the text, which describes the methodology of selecting and analyzing protest posters from the June 2013 social movements.

Outro aspecto fundamental para o desenvolvimento da SD resultou dos gêneros acrescidos à página, que além de priorizar textos produzidos pelos educandos, apresentou uma gama de informação que contribuiu expressivamente para o enriquecimento da página, como as perspectivas teóricas, artigos de opinião e gêneros diversos.

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

http://denisfarias.comunidades.net/index.php?pag... PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Livraria Cultura (2) Livraria Cultura contato.php LiveMinutes - Projects Hangouts do Google+ Conectar-se ao Skype - c... Livr'Andante Página Segurança Ferramentas

Início ANÁLISE E GÊNERO CARTAZ ANÁLISE DO CARTAZ A LINGUAGEM DOS PERSPECTIVAS

SITES GRÁTIS
Clique Aqui

Do you Speak English?
Aprenda Inglês facilmente sem sair de casa

PERSPECTIVAS TEÓRICAS

ANÁLISE DISCURSIVA DOS CARTAZES DOS MANIFESTOS DE 2013 - PERSPECTIVAS TEÓRICAS

A análise a ser desenvolvida com os alunos da 3ª fase do 3º ciclo partiu das recentes manifestações sociais no Brasil, que não seguiram uma linha de protestos igual à que ocorre em outros países. Foi diferente dos modelos internacionais, porque não foi uma reação a um problema econômico específico, não se quis derrubar o regime ou a presidente. A respeito do nível de conscientização das massas, Vasques (apud Chlouh, 2013), doutorando em Ciência Política no IESP, acredita que a ideia de movimentos políticos plenamente conscientes dos seus fins é uma quimera. A ação nacional, estratégica, afirma, é apenas uma parte da dinâmica política, que é sempre atravessada por paixões, crenças e delírios. Golin (2012) em sua obra *Novas Teorias dos Movimentos Sociais*, afirma que os movimentos sociais, criados e desenvolvidos a partir de grupos da sociedade civil, têm nos direitos a fonte de inspiração para a construção de sua identidade. Podem ser direitos individuais ou coletivos. Neste último caso, abrangem todo um grupo social. Enfatiza que os direitos, individuais ou coletivos, têm de ter como referência o universal – o direito para todos, baseado na igualdade. E um dos aspectos transformadores dessa realidade é o acesso à educação e a formação do cidadão autônomo e modificador social. Partindo dessa afirmação, é essencial que haja uma reflexão sobre os procedimentos que se farão presentes na análise linguístico-discursiva dos cartazes dos manifestos sociais no Brasil.

09:11 08/12/2014

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

http://denisfarias.comunidades.net/index.php?pag... ARTIGOS DE OPINIÃO - MA...

Livraria Cultura (2) Livraria Cultura contato.php LiveMinutes - Projects Hangouts do Google+ Conectar-se ao Skype - c... Livr'Andante Página Segurança Ferramentas

Início ANÁLISE E GÊNERO CARTAZ ANÁLISE DO CARTAZ A LINGUAGEM DOS PERSPECTIVAS TEÓRICAS

SITES GRÁTIS
Clique Aqui

E se fosse você dentro desse trem? Como iria reagir? Saiba **TUDO**

ARTIGOS DE OPINIÃO - MANIFESTOS JUNHO 2013

Manifestações

As manifestações são atos que começaram com pequenos grupos de pessoas que não aceitam algum tipo de mudança que foi feito naquele período.

Um exemplo disso foi a manifestações que ocorreu o ano passado por causa do aumento da passagem de ônibus.

As pessoas que não tem veículo em suas casas, e que seu único transporte é os ônibus ficaram revoltadas e foram às ruas se manifestar.

Com a intenção que houvesse melhorias e diminuição das tarifas, mas algumas pessoas conhecidas como vândalos aproveitaram essa oportunidade não para se manifestar, mas sim para destruir o patrimônio público, e roubar as lojas, no qual acabou sendo um grande prejuízo para os comerciantes.

Acredito que não deveria haver manifestações, pois elas são na maioria das vezes um problema para a sociedade, pois dá muito prejuízo em arrumar o que foi estragado, mas se não houvesse manifestações não teria melhora.

Fernanda Rodrigues Borges.

MANIFESTAÇÕES DE JUNHO NO BRASIL

09:12 08/12/2014

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

http://denisfarias.comunidades.net/index.php?pag... GÊNEROS DIVERSOS - ANÁL...

Livraria Cultura (2) Livraria Cultura contato.php LiveMinutes - Projects Hangouts do Google+ Conectar-se ao Skype - c... Livr'Andante Página Segurança Ferramentas

Início ANÁLISE E GÊNERO CARTAZ ANÁLISE DO CARTAZ A LINGUAGEM DOS PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Grátis!
Clique Aqui

Eles foram nesse avião depois disto, e você entrava? Veja **AQUI**

GÊNEROS DIVERSOS - ANÁLISE E OPINIÃO

A VOZ DAS RUAS

Vamos dar um basta ao desemprego e a falta de moradia, eles se perdem também em meio aos vícios e não conseguem mais voltar pra casa.

Em meio a tanto roubos desvio de dinheiro público enquanto os nossos irmãos dormem nas calçadas no frio e chuva, gastam tanto dinheiro com a copa, como cadeiras em MT supre futuras.

Com esse problema a culpa e de todos os que governam todos tem parcela de culpa o governo federal acha que a Bolsa-família e tudo para combater a pobreza, mas o povo as famílias querem emprego.

Acho que ao viver a esmo não ter para onde voltar quando o sol se esconde e a noite chega com seus perigos e o frio sem ter como planejar o dia seguinte.

Mas eles são seres humanos também tiveram suas famílias um lar uma posição social será que são as drogas que é o caminho sem volta, mas para mim o caminho sem volta e somente a morte.

Jessica Rodrigues Valença

ENTREVISTA - LUIS EDUARDO SOARES

O antropólogo Luiz Eduardo Soares parece a pessoa certa para explicar os movimentos que tomam as ruas do Brasil, dado seu conhecimento e experiência com a análise política, o comportamento social e as políticas de segurança pública. No entanto, faz questão de deixar claro que não sabe de muita coisa: "É necessário afirmar com humildade nossa ignorância ante um processo cuja natureza nos desafia, intelectualmente". Em entrevista a Ângela Faria, ele fala da tendência em tentar entender o novo com os olhos do passado, dos desafios postos à segurança

09:13 08/12/2014

Desta forma percebeu-se a real necessidade de realizar este projeto em parceria com a comunidade escolar, pois possibilitou ao educador melhorias em sua prática pedagógica, e assim, contribuiu de forma a tornar as aulas mais dinâmicas, criativas e interativas, tendo como protagonista, o educando autônomo e agente transformador social. Com o objetivo atingido, a análise das características discursivas dos cartazes dos manifestos sociais de 2013 propiciou aos participantes do evento a interação aos mais diversos gêneros do discurso, a hipertextualidade e aportes teóricos que fundamentaram as análises aos contextos político-sociais das manifestações realizadas no país, de forma geral, com a realidade social do município de Juína. Interpretaram-se as linguagens dos protestos em consonância com o gênero discursivo cartaz a partir de análise discursiva, e assim foram produzidos textos por meio de multimodalidades que foram postadas em site criado com esse objetivo. Outro ponto foi os debates que propiciaram momentos de discussão e reflexão de forma crítica e comparativa sobre o processo de intertextualidade e interdiscursividade e sua relação aos fatos contemporâneos e históricos.